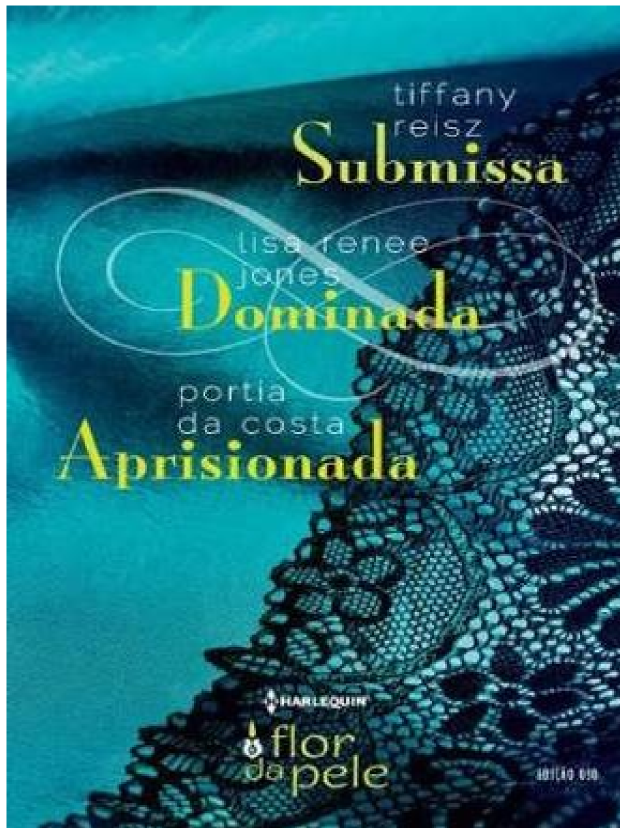
SUBMISSA

Submit To Desire

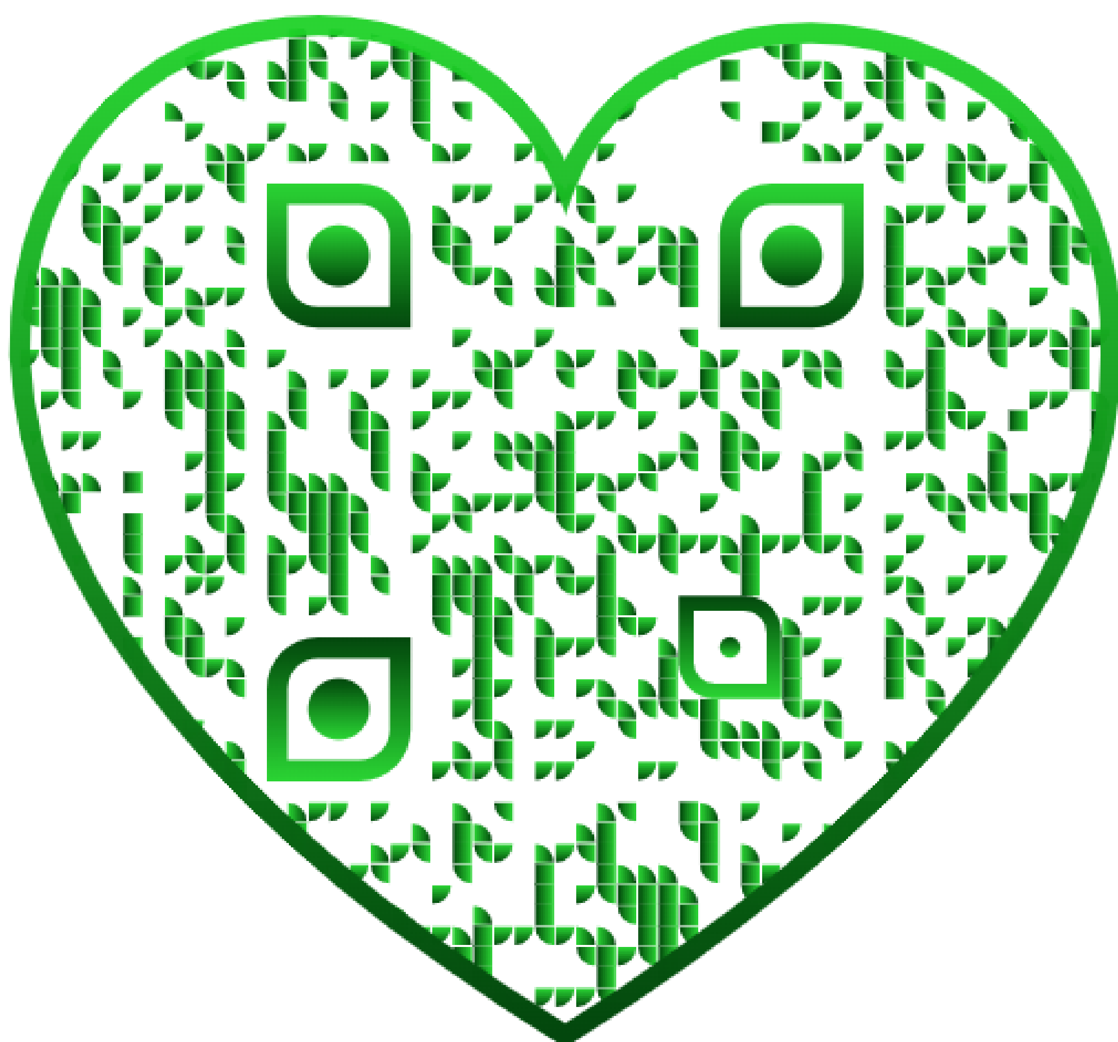
Tiffany Reisz



SUBMISSA, DOMINADA & APRISIONADA

Charlotte Brand está cansada de namorados chatos e sexo sem-graça. Kingsley Edge é dono de um clube cujo cardápio oferece muito mais do que apenas drinques. O homem perfeito para satisfazer seus desejos inconfessáveis... Intenso e sofisticado, ele está em busca de uma submissa apta a ser treinada. Seduzida pela proposta, Charlotte se entrega a lições com um mestre que vai testar seus desejos mais obscuros.

Digitalização: Mariana N.
Revisão: Samantha





Obs: Essa história não tem indicação de capitulos.

Tradução *Fernanda Lizardo*
HARLEQUIN
2015

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.
Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: SUBMIT TO DESIRE
Copyright © 2012 by Tiffany Reisz
Originalmente publicado em 2012 por Spice Briefs

Título original: VEGAS HEAT
Copyright © 2012 by Lisa Renee Jones
Originalmente publicado em 2012 por Spice Briefs

Título original: CHANCE OF A LIFETIME
Copyright © 2008 by Portia Da Costa
Originalmente publicado em 2008 por Spice Briefs

Arte-final de capa:
Ô de Casa
Diagramação:
Babilônia Cultura Editorial
Impressão:
RR DONNELLEY
www.rrdonnelley.com.br

Distribuição para bancas de jornal e revistas de todo o Brasil:
Dinap Ltda. - Distribuidora Nacional de Publicações
Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, n° 1678
CEP 06045-390 – Osasco – SP
Editora HR Ltda.
Rua Nova Jerusalém, 345
Bonsucesso, Rio de Janeiro, RJ - 21042-235
Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

— Mais um derrotado — disse Charlotte, erguendo o copo. Mais dois copos tilintaram no dela e o choque do brinde fez o *Amaretto* espirrar em seus dedos e no chão.

— Maus namorados: já vão tarde! — London virou o restinho de seu *Fuzzy Navel* e colocou o copo vazio no balcão.

— Um brinde a isso — disse Sasha, sugando as últimas gotas de seu *Long Island Iced Tea.*

Steele, o atendente do bar, tornou a encher o copo dela.

— Esse é o problema. — Charlotte enfiou uma mecha de cabelo ruivo em seu chapéu de palha. — Nick não era um namorado ruim. Ele era legal.

Sasha e London olharam por sobre seus copos.

— Você já terminou com ele, Char. — London amassou seu guardanapo e o jogou em Steele. — Não precisa insultá-lo.

— Vocês, mulheres, são todas iguais. — Steele colocou três doses na frente delas. — Deus as livre de namorar um cara que seja legal com você.

— Nick *era* legal. — Sasha pegou sua dose. — E até era gato. Ser legal não é ruim. Legal só é... entediante.

— Entediante — concordou London.

Charlotte suspirou e olhou para sua bebida.

Nick era legal. Legal demais. Tão Legal que Charlotte queria matá-lo por isso às vezes. A semana anterior tinha sido a gota d'água. Ela havia adormecido durante o sexo. Posição "papai e mamãe". Cinco minutos de preliminares. Cinco minutos de penetração. Dez minutos depois do: "Eu adoro tudo em você". Exatamente como sempre.

— Entediante — ecoou Charlotte, quando olhou para cima e encontrou os olhos de um homem que entrava no bar. O sujeito, quem quer que fosse, parecia ter seus trinta e poucos anos, tinha cabelo escuro na altura dos ombros e pele morena. Pelo que Charlotte podia dizer, ele usava um terno estranho, meio que no estilo Vitoriano, como que saído da capa de um romance. E ele estava mais perambulando do que caminhando, como se a casa noturna lotada fosse um parque na primavera e ele fosse um escudeiro campestre num agradável passeio de domingo.

— Steele, quem é aquele cara? — perguntou London.

Steele ofereceu um sorriso de canto de boca às três mulheres.

— Aquele é Kingsley Edge. E ele é o oposto de entediante. E, se vocês três tiverem algum bom senso, vão ficar longe dele.

— O bom senso que eu tinha acabou de tirar a calcinha e de se deitar na frente dele — disse Sasha com uma risadinha bêbada.

— Deus, ele parece um pirata. — London correu o dedo pela borda do copo.

— Acho que ele parece perigoso. — Sasha disparou para o sujeito seu melhor sorriso do tipo "venha cá".

Charlotte suspirou. Sasha e London tinham prometido a ela uma noite só de meninas a fim de ajudá-la a se animar depois de mais um relacionamento fracassado. "Nada de homens", fora a promessa. Apenas álcool e dança. Talvez fosse hora de arranjar amigas de verdade.

— Parece que ele precisa de um corte de cabelo. — Charlotte virou sua dose, engolindo-a amargamente.

— Ei, faça o que você sabe fazer, Char. Isso vai chamar a atenção dele — implorou Sasha.

— Eu não quero chamar a atenção dele. Ele é um cafetão. — Charlotte já tinha ouvido falar de Kingsley Edge. Todos que frequentavam a vida noturna de Nova York já tinham ouvido a respeito dele. Seus respeitáveis interesses profissionais incluíam a posse de várias das principais casas noturnas da cidade. Havia diversos boatos sobre o sujeito, no entanto; boatos de que ele ganhava grande parte de seu dinheiro fazendo sexo, não drinques.

Steele riu e as três amigas giraram em seus banquinhos no bar.

— Kingsley Edge não é um cafetão. — Steele serviu uma nova dose de *Amaretto* para Charlotte. — Kingsley Edge é um caçador de talentos.

— Caçador de talentos? — Os olhos de Charlotte acompanhavam Kingsley Edge enquanto ele prosseguia pela boate. De tempos em tempos ele parava e olhava para ela em meio à multidão. — Que tipo de talento?

— Talvez o seu talento. — Steele piscou para ela. Ela havia trabalhado naquela boate, *Le Cirque de Nuit,* há alguns anos, e tinha aprendido um truque ou dois.

Sasha e London fitaram Charlotte com olhos suplicantes. Steele estendeu um copo cheio de parafina líquida. Mais uma vez, Charlotte

concluiu que fazer novos amigos era uma prioridade. Elas definitivamente estavam bêbadas. E a estavam obrigando a fazer seu truque. Tudo bem, se elas insistiam.

Charlotte suspirou e pegou o copo com parafina. Sasha lhe entregou um isqueiro.

Sasha e London aplaudiam enquanto saltitavam de seus banquinhos e se afastavam. Charlotte notou que a comoção não só tinha acabado de chamar a atenção da maioria dos clientes do local, mas também de Kingsley Edge. Ele estava ao lado de uma coluna, na qual se apoiou, uma sobrancelha arqueada.

Charlotte respirou fundo, botou a parafina líquida na boca, franziu os lábios, acendeu o isqueiro e soprou com tanta força que seus ouvidos estalaram. Uma bola de fogo brilhou por metros diante dela e fez todo mundo na casa noturna gritar e bater palmas. Ela continuou soprando mesmo depois que o fogo se apagou, sabendo que precisava exalar qualquer sobra na boca. Saltando de seu banquinho junto ao balcão, ela fez uma pequena reverência antes de voltar para sua bebida. Já havia tomado cinco naquela noite. Uma para cada namorado legal que tinha chutado nos últimos cinco anos.

Duas horas mais tarde, ela estava deitada no chão do camarote VIP. Ouviu duas vozes masculinas falando dela. Uma parecia a de Steele. A outra soava quase melódica, profundamente máscula e tão intoxicante quanto todo o álcool que ela havia ingerido.

— É a última chamada, chefe. O que devo fazer com ela?

— Eu vou cuidar da *le petit dragon.*

— Tem certeza?

Charlotte estava perto de apagar, mas se lembrou da risada. Uma risada baixa e quente, mais sentida do que ouvida. Aquela risada reverberou pelo corpo dela, do pescoço aos tornozelos.

— Total certeza — disse a voz com um sotaque reconhecido como francês pela mente carcomida de Charlotte. — Gosto de mulheres cheias de fogo.

Charlotte acordou em posição fetal. Gemendo, abriu os olhos e viu um par de botas de montaria de couro que iam até o joelho. As botas pertenciam a um par de pernas longas, as quais estavam cruzadas na altura dos tornozelos e utilizando o corpo dela como banquinho. Olhando para cima, ela viu Kingsley Edge descansando no sofá da área VIP, com

uma xícara e um pires de chá elegantes nas mãos. Bebericando seu chá, ele sorriu para ela.

— Eu espero que você não se importe por eu dizer isso, *chérie,* mas você precisa de um novo passatempo.

Ela demorou muito mais do que deveria para processar as palavras.

— Passatempo? — perguntou ela. — Quem é você?

— Você sabe quem eu sou. E eu sei quem você é. — Ele mostrou a carteira de motorista dela, avaliando o documento com olhos sombrios. — Charlotte Brand. Steele me disse que suas amigas chamam você de Char. Infame. Vou chamá-la de Charlie, se você não se importar.

— Pode ser que eu me importe.

— Vinte e sete anos — disse ele, ainda olhando a carteira dela. — Uma boa idade, Charlie.

— Você vai mesmo me chamar de Charlie?

— *Oui.* Eu adoro mulheres com nomes masculinos. Isso satisfaz um certo lado depravado meu.

— Por acaso estas suas botas nas minhas costas são parte do seu lado depravado? — Charlotte sentou-se e Kingsley removeu os pés das costas dela com um ar gracioso.

— O que posso dizer? Quando vejo uma bela mulher tão bêbada a ponto de acabar desmaiada no chão, imagino que ela esteja lá porque deseja fazer papel de capacho.

— Belo jeito de me culpar. Eu ouvi que você era um cafetão. Você também é padre?

— *Non.* Mas tenho um padre na discagem rápida do meu telefone, se você precisar de um — disse ele, com um sorriso malicioso nos lábios esculpidos. — Você gostaria de vir para casa comigo agora, Charlie?

— O que você vai fazer comigo? — O rosto dele entrou em foco pela primeira vez. Ela tinha ouvido que era francês, ou meio francês, ou algo assim. Ele era rico e levava metade dos juízes e policiais da cidade no bolso. Ela também tinha ouvido falar que ele era bonito, mas “bonito” não fazia justiça ao homem diante dela.

— Café da manhã e uma chuveirada estão em pauta. E depois talvez a gente possa discutir uma certa oportunidade de trabalho.

A frase *oportunidade de trabalho* desencadeou uma lembrança da noite anterior. Steele tinha mencionado que Kingsley Edge não era um cafetão, mas um caçador de talentos. Caçador de talentos — Charlotte

tinha a sensação de que sabia exatamente o que a tal *oportunidade de trabalho* poderia acarretar.

— A chuveirada e o café da manhã podem funcionar. Mas eu posso poupá-lo da trabalheira. Minha resposta é *não* a quaisquer oportunidades profissionais.

— Você diz isso agora. Mas espere só até você provar minhas panquecas.

Ele pousou a xícara e o pires e ofereceu a mão a ela.

Em que diabos ela estava se metendo?

Charlotte estendeu a mão para ele. Envolvendo os dedos dela, ele a puxou para que ela ficasse de pé. Oscilando um pouco nos saltos altos, ela colocou a mão no peito dele para se firmar. Ele cobriu a mão dela com a sua e a encarou bem nos olhos.

— Você é uma mulher bonita. — Os olhos ladeados por cílios escuros estudavam o rosto dela. — Mesmo com estas marcas de resto de maquiagem nas bochechas.

Charlotte corou e esfregou o rosto.

— Não se incomode. Nós vamos lavar isto na minha casa, na cidade. Vamos, Charlie?

— Tudo bem, então você vai me chamar de Charlie. Como eu devo chamar você?

— Todo mundo me chama de Kingsley ou King. Ou *Monsieur.* Pode escolher.

— *Monsieur?*

— *Monpère était français et j'ai servi dans la Légion étrangère française.*

Charlotte piscou e tentou distinguir alguma das palavras que Kingsley tinha dito. Mas nada fez sentido, tendo soado apenas como um disparate poético.

— Eu disse que meu pai era francês e que servi na Legião Estrangeira Francesa.

Charlotte olhou para Kingsley. Francês, botas de montaria, o terno e ele tinha trocado o nome dela para Charlie.

— Você é um pouco maluco, não é, Kingsley?

— *Oui,* e você vai para casa comigo. — Ele lhe ofereceu um sorriso malicioso.

— *Touché.*

Kingsley se afastou e Charlotte o seguiu. Ele fez uma pausa quando passou pelo balcão e pegou o chapéu de caubói dela, o qual alguém tinha largado lá. Jogou-o de volta para ela.

— Estou entregando a você, mas não pense que está autorizada a usá-lo na minha presença.

— Por que não?

— Porque você tem o cabelo ruivo mais lindo que já vi, e é um crime cobri-lo.

Charlotte revirou os olhos.

— Não é natural. Bem, o cabelo é de verdade, mas a cor, não. Eu sou cabeleireira.

— Não ligo se não é natural. Eu não nasci bilíngue, mas isso não muda o fato de eu sê-lo. *Oui?*

Kingsley deu meia-volta para sorrir para ela. Ele ergueu as sobrancelhas e parecia estar esperando por uma resposta.

— Tudo bem, *oui* — cedeu ela.

— *J'accepte.* — Kingsley abriu as portas da boate.

Charlotte protegeu o rosto quando o sol matinal atingiu seus olhos doloridos. Uma vez sentada no banco traseiro do carro de Kingsley, ela notou o interior de couro exuberante e o estilo antiquado.

— Caramba, isto é um Rolls-Royce?

Kingsley sentou-se no banco em frente a ela.

— Sim, é. Não é meu favorito, mas serve para pequenas missões.

— Então eu sou uma missão? — perguntou Charlie.

— Não sei. — Kingsley lhe ofereceu um olhar demorado, que fez os pelinhos dos braços dela se arrepiarem. — Você está se sentindo como uma incumbência minha?

Charlotte olhou pela janela e viu os habitantes da cidade a caminho do trabalho — homens usando ternos poderosos, mulheres usando vestidos austeros. E ali estava ela, sentada num Rolls-Royce com uma das figuras mais notórias do submundo da cidade.

— Ainda não.

Kingsley sorriu.

— Boa resposta, Charlie. E nós já chegamos.

O carro encostou na frente de uma elegante casa ornada com tijolos em preto e branco, a qual parecia ter pelo menos três andares de altura.

Kingsley saiu do carro primeiro e estendeu a mão para ela. Ela

tentou se manter firme em seus pés quando ele a puxou para fora. Então Kingsley a conduziu por dois lances de escada. Uma jovem belíssima entregou uma pasta a ele, fazendo uma breve reverência.

— Você pode tomar uma chuveirada enquanto leio — disse Kingsley.

— Você vai mesmo me fazer tomar uma chuveirada?

— Eu posso lhe dar um banho de banheira, se você preferir.

— Eu não prefiro — disse ela, sem saber direito se havia falado seriamente.

Kingsley abriu um conjunto de portas duplas pretas esculpidas.

Charlie nunca tinha visto um quarto mais erótico e convidativo. Ela desejou conhecer mais de arquitetura para poder descrever o ambiente mais adequadamente as suas amigas, se e quando ela fosse embora. Ela sentiu vontade de estudar os tetos abobadados, todos adornados com pinturas em preto e branco de amantes em posições tanto pornográficos quanto artísticas. Ou a lareira corpulenta de mármore preto sobre os tapetes orientais exuberantes que cobriam o piso também preto e branco.

Mas na verdade apenas a cama prendeu a atenção dela de fato. Uma monstruosidade com quatro colunas, o móvel capturou tanto sua atenção quanto sua imaginação. Ela nunca tinha visto lençóis tão rubros, da cor de sangue fresco, ou travesseiros tão densos a ponto de que ela pudesse se afogar neles e morrer feliz.

— Bela cama — disse ela, quando Kingsley a flagrou admirando o móvel fixamente. — É realmente grande. King-size, acho.

— Kingsley-size. — Ele piscou para ela enquanto apontava para uma porta do outro lado do quarto. — O banheiro fica ali. Tem um roupão de banho que você pode usar enquanto mando suas roupas para a lavanderia.

Charlotte entrou no banheiro, o qual considerou tão luxuoso quanto o quarto. Ela trancou a porta atrás de si e se olhou no espelho. Dizer que a maquiagem estava borrada tinha sido apenas um pequeno exagero. Um traço preto imenso enfeitava sua bochecha esquerda. Parecia um hematoma. Os olhos estavam sombreados pelos corantes borrados e descamados e o batom estava todo manchado por causa do álcool e da parafina. Ela ligou o chuveiro quente e entrou. Enquanto lavava a sujeira da boate, Charlie se perguntava o que diabos Kingsley queria dela — daí

concluiu que não dava a mínima.

Ela desligou a água e se enrolou na toalha mais fofinha que já tinha tocado em toda a sua vida. Espremendo a água do cabelo, vestiu o roupão de seda preta. Usando apenas o roupão, ela entrou no quarto. Kingsley estava reclinado numa poltrona, os pés apoiados num pufe. Ele havia tirado o paletó e colocado um par de óculos de armação fina. Com um coquetel na mão, ele analisava a pasta em sua mão.

— Hipócrita. — Ela meneou a cabeça para a bebida dele e tentou ignorar o quanto ele estava desejável naquele colete bordado, com as mangas da camisa branca arregaçadas revelando antebraços e pulsos musculosos.

— Tudo com moderação, *ma chérie.* Exceto orgasmos. Sente-se.

Ela não achou nenhum lugar onde se sentar que não fosse a cama, e, não querendo parecer muito ansiosa, acomodou-se no chão. Kingsley deu-lhe um olhar estranho enquanto ela aguardava aos pés dele, um olhar faminto e cheio de autossatisfação.

Kingsley sacou um telefone celular preto lustroso. Num francês rápido, ele derramou o que pareciam instruções, aí desligou.

— Panquecas chegando. Agora isto aqui está ficando interessante. — Ele virou mais uma página da pasta. — Você teve um bom coeficiente na Universidade de Nova York antes de cair fora quando ainda era caloura. *Pour-quoi?*

Charlotte se endireitou.

— Esta pasta aí é sobre mim? — Ela quis saber.

— *Oui.* Enquanto eu estava esperando você sair de seu coma de *Amaretto,* pedi à minha secretária para levantar sua ficha. Você é uma mulher fascinante, Charlie.

— E você é um babaca. Não dá para acreditar que você estava fuxicando meu passado.

— Pretendo fazer amor com você loucamente antes de você deixar minha casa, Charlie. Será que penetrar seu passado é mais íntimo do que penetrar seu corpo?

Charlotte calou-se e corou quando visões de Kingsley em cima dela, dentro dela, invadiram sua mente.

— Acho que sim — respondeu ela finalmente.

— Na verdade, eu também acho.

— É uma visão muito antiquada do sexo — disse ela. —

Especialmente para um cafetão.

— Eu não sou um cafetão. Meus funcionários não vendem sexo. No máximo, eu seria um agente. Ou...

— Um caçador de talentos — concluiu ela. — Sim, Steele me disse. Então você estava buscando talentos na boate na noite passada?

— Estava. E encontrei uma cuspidora de fogo. Não é um talento particularmente útil, mas certamente interessante. Assim como isto aqui. Sua mãe, ela morreu quando você tinha 19 anos.

Charlotte engoliu em seco.

— Acidente de carro. Isso não é interessante. É só horrível.

— Horrível, *très.* Mas você abandonou a escola para criar seu irmão caçula, isso é interessante.

— Simon e meu pai não se dão bem. Ele ficou apavorado com a perspectiva de morar com meu pai. Conseguimos um juiz compreensivo, graças a Deus.

Kingsley sorriu para ela por cima dos óculos.

— Seu pai não é um sujeito legal?

Charlotte ajeitou o roupão em torno de si.

— Ele é rigoroso, conservador. Quando eu tinha 16 anos, cheguei uma hora depois do horário estipulado por ele. Eu estava no cinema com uma amiga e fomos tomar sorvete depois. Ele presumiu o pior e me chamou de vagabunda, vadia, tudo. Ele e minha mãe se divorciaram naquele ano, finalmente. Eu não podia deixar Simon morar com ele. Principalmente porque...

— Seu irmão é gay.

— Sim, como você sabia?

— Ele fazia parte de grupos de direitos gays enquanto estava na faculdade de Direito. Você abandonou a universidade e começou a trabalhar para que seu irmão gay não tivesse de morar com seu pai conservador. Isso é muito nobre da sua parte, Charlie.

Charlotte olhou para o chão.

— Meu pai teria acabado com o Simon. Não foi nobre. Era minha única escolha.

— Não era, mas é bastante revelador que você pense assim. Vejamos — disse ele, e folheou mais algumas páginas. — Você trabalhou como recepcionista num salão depois de largar a faculdade, e foi aprendiz lá. Você foi garçonete *no Le Cirque de Nuit* durante algumas

noites por semana também. Deve ter sido antes de eu comprar o lugar. Eu teria me lembrado de uma cuspidora de fogo.

— As gorjetas eram muito melhores se você sabia fazer algum tipo de façanha. O atendente de bar que trabalhou lá antes de Steele me ensinou a coisa de cuspir fogo.

— Seu irmão ainda está na faculdade de Direito. Bolsa integral, estou vendo aqui. Não existem mais motivos para você não voltar para a escola.

— Estou um pouco velha demais. Além disso, gosto de trabalhar. Tenho andado por aí, no mundo real, cuidando de mim e Simon desde que eu tinha 19 anos. Não pense que consigo voltar.

Kingsley fechou a pasta e se inclinou para frente. Ele fez menção de falar, mas uma batida à porta interrompeu.

— *Entréz* — gritou ele. O mordomo entrou carregando uma bandeja com café da manhã. Colocou-a no chão, diante de Charlotte, e partiu rapidamente.

— Agora você *já* tomou seu banho e está tomando o café da manhã. Vamos discutir a oportunidade de trabalho que você já recusou.

— Pode discutir — disse ela, depois da primeira mordida numa panqueca deliciosa. — Mas minha resposta ainda é *não*.

— É compreensível. — Kingsley levantou-se e tirou os óculos de aro fino. — Eu vou falar. Você come.

— Com prazer.

Kingsley caminhou vagarosamente pelo quarto.

— Eu disse que eu não era um cafetão, e isso é verdade. Existe um aspecto sexual no trabalho que meus funcionários fazem, mas nenhum deles tem relações sexuais por dinheiro. Pelo menos não durante o expediente. Os clientes que atendemos são um nicho incomum com desejos incomuns. Se eles quisessem mero sexo, poderiam começar por seus maridos e esposas, namorados e namoradas. O que eles desejam de nós é mais complicado.

— Você está falando de preferências sexuais incomuns, certo?

Kingsley assentiu.

— *Oui.* Preferências sexuais incomuns. *Bondage,* dominação e sadomasoquismo. Eu falei que era um caçador de talentos. Não estaria longe da realidade me chamar de casamenteiro. Tenho clientes com desejos específicos e tento encontrar uma boa combinação para tais

desejos em meu círculo social. Um cliente atual, um rico empresário, cheio de atrativos, flagrou-se ansiando por uma ligação mais profunda do que aquelas que ele tem experimentado em seus curtos relacionamentos recentes. Ele prefere uma mulher bonita, que esteja entre 25 e 35 anos. Sem preferências de raça, altura ou religião. Ele aprecia muito a inteligência, ou seja, isso é essencial. E ela deve ser muito corajosa.

Diante daquela última palavra, Kingsley se virou e olhou para Charlotte.

— Uma mulher que cospe fogo quando está *bêbada* e vem à minha casa quando está sóbria é quase tão corajosa quanto tudo que esta cidade tem a oferecer. Você não concorda, Charlie?

Charlotte olhou para Kingsley. Não conseguia acreditar no que ele estava pedindo a ela.

— Tudo bem. Não *estou dizendo sim* ou algo do tipo. Só *estou perguntando por curiosidade.* O que exatamente esse acordo implicaria?

— Esse cliente em particular gosta de sadomasoquismo vez ou outra, mas está mais interessado em dominação sexual absoluta. Ele fica particularmente excitado quando presencia medo.

— Então ele é um estuprador?

— Dificilmente. Dominadores no estilo de vida, tal como chamamos, acham a submissão algo erótico. Dominar uma mulher e possuí-la à força é um ato de agressão e violência. Um dominador deseja a confiança de sua submissa a ponto de ele poder possuí-la mesmo quando ela está com medo. Sim, ele a possui, mas ela também oferece algo. E você, *ma chérie,* tem todos os atributos de uma submissa de classe internacional.

— Isso é bizarro.

— *É? Diga-me, Charlie,* aquelas duas bonecas lourinhas que estavam com você ontem à noite. Eram Sasha Walsh e London Faber, certo?

— Sim. Nós nos conhecemos no salão. Eu cortava os cabelos delas.

— Os pais delas valem quase todo o PIB do estado de Vermont. Elas são insípidas, sem graça e mimadas. São o oposto de você. Por que você sai com elas?

— É fácil sair com pessoas ricas. Elas são donas do dinheiro. Elas tomam todas as decisões.

— E elas a largaram sozinha e desmaiada no chão da minha boate. Poderia ter acontecido qualquer coisa com você, você poderia ter sido roubada, assaltada, estuprada. Elas não são suas amigas.

— Eu sei. É por isso que eu gosto de sair com elas. É mais fácil assim.

— Mais fácil estar com pessoas que não se importam com você?

— Mais fácil estar com pessoas com quem *não* preciso me preocupar. Eu sei, é estúpido.

— *Pas du tout.* É compreensível. Sua mãe morreu, você criou seu irmão e o manteve a salvo de seu pai.

Charlotte brincava com a panqueca sobrando em seu prato.

— *Oui* — concordou ela.

— Você teve de assumir enormes responsabilidades muito jovem. O que você precisa entender é que as mulheres submissas não são fracas. Muitas vezes elas são mais fortes do que os homens que as dominam. Elas precisam ser fortes e corajosas para se render sem se perder. Acredito que você seja ambas as coisas. E — disse ele, agachando-se diante dela — acho que há uma parte de você que gostaria muito de desfrutar dessa coisa de *não estar no contr*ole de tudo pela primeira vez.

Charlotte olhou para ele. Ninguém tão bonito deveria ser tão perspicaz.

— Eu nunca participei de sexo não convencional — disse ela finalmente.

— Eu posso ensinar tudo que você precisa saber.

— Você me ensinaria?

Kingsley deu um tapinha no queixo dela e sorriu. Algo no sorriso dele a fez sentir um aperto no estômago.

— É uma perspectiva tão terrível assim?

Charlotte o encarou. Ela nunca tinha visto um sujeito tão visceralmente atraente em toda a sua vida. Kingsley pareceu ler a reação de Charlotte a ele nos olhos dela.

A parte sã e racional do cérebro de Charlotte lhe dizia para se levantar e sair. Infelizmente, todas as outras partes de seu corpo e mente se sobrepunham *à primeira.*

— Levante-se — ordenou Kingsley, e Charlotte ficou de pé.

Ele a olhou de cima a baixo uma vez antes de lhe oferecer um sorriso perigoso. Erguendo a mão, acariciou os *lábios* dela com a parte

macia do polegar, ao mesmo tempo, estendeu a mão livre e abriu uma gaveta na mesinha de cabeceira. Dali de dentro sacou um par de algemas.

— Ei, de jeito nenhum. — Charlotte deu um passo rápido para trás.

Kingsley não disse nada enquanto cerrava um lado da algema no próprio pulso esquerdo.

— *S'il vous plaít* — disse ele, e virou-se, indicando que queria que ela algemasse as mãos dele atrás das costas.

Charlotte tomou as algemas e as trancou nervosamente no outro pulso de Kingsley.

Ele voltou-se para encará-la.

— Sente-se segura comigo agora? - perguntou.

Ela assentiu lentamente. Afinal de contas, o que ele poderia fazer com ela estando com as mãos algemadas?

— Agora — disse ele —, deixe o roupão cair.

De pronto, Charlotte apertou o roupão mais apertadamente contra o corpo.

— Charlie, tire o roupão. Agora.

Algo na voz de Kingsley, uma ponta dura de autoridade, falou a algo profundo dentro dela. Vagarosamente, ela desamarrou o cinto e deixou o roupão cair no chão. Kingsley correu os olhos pelo corpo de Charlotte de cima a baixo, com um ar satisfeito, enquanto ela ficava parada diante dele, nua e corada.

Ele deu um passo adiante e ela lutou contra o desejo de recuar. Em vez disso, manteve-se firme enquanto ele a circundava.

— Você tem seios lindos — disse ele. — O tamanho perfeito para caber numa mão grande. Tenho certeza de que outros amantes já lhe falaram isso.

Um ex-namorado tinha dito que ela era dona de “seios ótimos”, mas no máximo isso.

— Não com tantas palavras.

— Que pena. Além disso, quadris fartos adoráveis. Arredondados, mas bem definidos. Oh — disse ele, fazendo uma pausa junto às costas dela. — Você tem uma pintinha de nascença.

Todos os músculos do corpo de Charlotte ficaram tensos quando Kingsley se pôs de joelhos atrás dela.

— Só uma pequenininha.

— Parece a... — A voz de Kingsley caiu para um sussurro — A Torre Eiffel.

Charlotte riu, mas a risada transformou-se num arquejo quando os lábios de Kingsley tocaram a marca de nascença que enfeitava o contorno do seu quadril esquerdo. O calor da boca dele na pele dela se espalhou por toda a região pélvica e afundou profundamente no ventre dela. E, bem quando o arquejo começou a se transformar num gemido baixo, Kingsley ficou de pé outra vez.

— Pernas longas, mas não excessivamente. Não muito finas. Linda pele alva. Belo nariz romano.

— Romano? Isso é um sinônimo para aquilino?

— *Oui.* Você, Charlie, vai servir direitinho.

— Hum. *merci?* — disse ela, lembrando-se de mais uma palavra em francês.

— *De rien.* Agora me diga, você se importaria em ficar comigo? Um mês. Deixe-me treiná-la para ser a submissa sexual perfeita.

— Eu tenho um emprego, sabe. — Ela puxou o roupão para junto do corpo outra vez.

— Eu vou lhe pagar o dobro do que você ganhou em seu melhor mês no ano passado. Dinheiro vivo. É claro.

— Claro. — Charlotte engoliu em seco. Meu Deus, ele realmente estava falando sério. Aquele ricaço francês excêntrico e lindo de morrer queria que ela ficasse com ele por um mês. E não apenas ficar com ele, ele queria ensiná-la a se submeter sexualmente a algum cliente rico. Que loucura. E, no entanto, a ideia de ignorar a oferta. Não, não a oferta, mas Kingsley.

Ela não conseguia ignorar Kingsley.

— Eu não vou aceitar qualquer coisa - *disse* ela finalmente. — Eu nem sequer conheci esse tal cara.

— Eu não vou lhe pedir para aceitar tudo até você conhecê-lo. Nem ele vai concordar com qualquer coisa até conhecer você. Nós vamos passar as próximas semanas em treinamento. Quando você estiver pronta, eu vou marcar um encontro. Se vocês gostarem um do outro e resolverem tentar um relacionamento, ele vai me pagar a exorbitante taxa de caçador e vocês dois podem fazer o acordo financeiro que melhor convier a ambos. Se eu bem o conheço, ele vai oferecer um quarto em sua casa um tanto impressionante e total liberdade para ir e

vir quando você quiser, contanto que você esteja à disposição dele de três a cinco noites por semana. Ele vai ter uma parceira que é seu espelho sexual e você terá alguém que ficará muito feliz por tomar a maioria das suas decisões — ou todas elas. Assim, pela primeira vez na vida, você não vai precisar fazer isso.

— Minhas amigas feministas me matariam.

— Aqueles de nós que fazemos parte desse estilo de vida estamos muito ocupados fazendo sexo de qualidade para se preocupar com guerrinhas de gênero. É verdade que a maioria dos submissos são mulheres e a maioria dos dominadores *são homens. Mas tenho vários submissos masculinos na minha folha de pagamento, e* conheço todas as *dominatrixes* desta cidade. Garanto que a grande maioria dos meus clientes são homens que desejam ser dominados por mulheres. Então você não precisa se preocupar, achando que está abrindo mão de seu direito ao voto ou de seu direito à igualdade salarial. Você só está desistindo de sexo chato e sem graça, e, eu prometo, não vai sentir falta nenhuma disso. Aceite, Charlie. Nós dois sabemos que você quer.

— Tudo bem, sim. Tudo bem. Eu quero.

— Linda, corajosa e honesta. Pode ser que eu queira ficar com você. Pode ficar no quarto ao lado do meu. Vou mandar minha secretária verificar se você tem tudo de que precisa. Nesse meio-tempo, receio que eu vá precisar me comportar e dar um jeito de trabalhar de verdade hoje.

Charlotte respirou fundo, lentamente.

— Tudo bem, vou ficar aqui por alguns dias. Talvez um mês. Faz dois anos que ando tentando tirar férias.

Kingsley virou a cabeça e sorriu para ela com uma sobrancelha arqueada.

— *Ma chérie,* isto não vão ser férias.

E então ele riu, e algo naquela risada fez os dedinhos dos pés de Charlotte se contraírem e cavarem o carpete sob seus *pés.* A *risada* reverberou pelo corpo dela e envolveu seus quadris, escavando seu estômago como se fossem garras.

— Certo. — disse ela, de súbito muito consciente da própria nudez sob o roupão. Saber que Kingsley ainda usava as algemas era um alívio e uma decepção. — Eu deveria ir e deixá-lo começar a trabalhar, acho.

Charlotte começou a seguir para a porta, mas parou antes de sair.

— Eu provavelmente deveria tirar isto de você — disse ela,

lembrando-se das algemas.

Ofegante, Charlotte flagrou-se pressionando as costas contra a porta, com os braços de Kingsley junto às laterais do corpo dela, prendendo-a ali. As algemas pendiam soltinhas do pulso direito dele.

— *Pas de problème,* Charlie. Qualquer coisa que eu precise tirar, eu tirarei.

No início, o medo por si só manteve Charlotte congelada junto à porta. Ela sentia a força nos braços de Kingsley, no corpo dele, o qual a mantinha aprisionada ali. Kingsley investiu até seus quadris pressionarem os dela, até o peito tocar os seios dela, daí o medo de Charlotte se transformou em outro sentimento igualmente poderoso, mas não menos aterrador.

— Deixe-me ir — sussurrou ela.

— *Não.* Ainda não. — Kingsley acariciou a bochecha direta dela com as pontas dos dedos. — Você está aqui para aprender. Essa é a sua primeira lição. O homem para quem vou treiná-la gosta de jogos como este, jogos de paixão e medo. Ele vai querer que você esteja sempre pronta para ele. Pode ser que ele a acorde, ávido, no meio da noite. Ele pode flagrá-la lendo num livro no finzinho de tarde e, sem uma palavra, arrancar seu livro e suas roupas. Você vai tentar passar por ele no corredor e ele vai bloque*á-la* com os braços, virá-la, pressioná-la contra a parede e forçar uma penetração. *Comprende?*

Charlotte engoliu em seco.

— Então essa é a lição? Aprender a ficar de boca fechada enquanto ele faz o que quer de mim?

Kingsley balançou a cabeça. Daí deslizou a mão do rosto para o corpo dela. Charlotte inspirou fundo quando Kingsley segurou seu seio esquerdo e acariciou o mamilo suavemente entre o polegar e o indicador.

— A lição é que você deve aprender a falar quando ele fizer algo que você não queira que ele faça. Você sabe o que é uma palavra de segurança, Charlie? Nós utilizamos algo assim no meu universo.

— Não. — Ela respirou fundo quando um desejo líquido começou a se reunir em seus quadris.

— *É uma palavra, qualquer palavra,* escolhida pelas duas partes envolvidas. É a palavra que você deve usar para parar o que quer que esteja acontecendo e que você não queira fazer.

— Eu não posso dizer “não”?

— Não. Para esse homem para quem vou treinar você — disse Kingsley enquanto acariciava o ventre trêmulo dela —, a palavra *não* dita com medo, em protesto, só vai servir para atiçar ainda mais a paixão dele. É um jogo, entenda. Quanto mais você resistir, mais ele vai desejá-la. Diga “não” e ele vai continuar. Diga “pare” e ele não vai parar. Diga “não” se quiser, mas ele vai fazer o que tiver de fazer. Diga-me para parar. Eu a desafio.

Kingsley deslocou a mão do ventre para o meio das pernas dela.

— Pare — sussurrou ela, embora não estivesse falando sério.

— Parar o quê? Isso? — O dedo médio de Kingsley escorregou para dentro dela. Fechando os olhos com força, Charlotte impulsionou os quadris para a *mão de Kingsley.*

— Isso — respondeu ela, ofegando a palavra. — Pare com isso.

— Eu deveria parar com isso aqui também? — Ele enfiou um segundo dedo e começou a movimentar a *mão,* entrando e saindo.

Charlotte assentiu, incapaz de falar diante do puro prazer do toque.

Ela sentiu a boca de Kingsley em seu ouvido.

— *Non* — falou ele de novo. — Eu estou me divertindo muito para parar. Você está deliciosa por dentro. Tão quente, tão molhada. Sabia que se você tocar bem aqui. — Kingsley retorceu a mão e apertou a ponta do dedo, com força e bem fundo, uns três centímetros além dentro dela - ...*eu consigo sentir sua pulsação?*

— Kingsley. — O nome dele foi a única palavra que Charlotte conseguiu fazer passar pelos seus *lábios.* E aparentemente ele tomou aquilo como um incentivo, porque um terceiro dedo se juntou ao segundo e Charlotte teve de abrir mais as pernas para recebê-lo.

— Agora finja por um momento que você não está realmente gostando disso tanto quanto nós dois sabemos que está — disse Kingsley, fazendo círculos lânguidos com a mão dentro dela. - *Ideia chocante*, *oui*?

— *Oui* — concordou Charlotte. Ela realmente não conseguia se lembrar da última vez que tinha sentido algo *tão erótico.* A perícia da técnica dele, a pressão, os movimentos, iam além do agradável, mas muito maior do que isso era o poder do homem que a pressionava contra a porta e se recusava a soltá-la, mesmo enquanto ela dizia “não”, “pare” e “não faça isso”.

— Digamos que você realmente quisesse que eu parasse, mas eu adorasse essa palavra, amasse seus protestos, estivesse longe de acatá-los. E ambos sabemos que, quando você diz “pare”, não está falando *sério.* Não comigo. Então você deve ter uma palavra que realmente signifique “pare” e a única que vou respeitar. Essa é a sua palavra de segurança. Entendeu?

— Acho que sim. — Charlotte segurou o antebraço esquerdo de Kingsley e o agarrou quando sentiu o clímax crescendo. De ressaca, com medo, na casa de um desconhecido, e ainda assim ela mal conseguia respirar de tanto desejo. — Então, qual é a minha palavra de segurança?

Os músculos dentro dela se contraíram em torno da *mão de Kingsley. Ela sentiu uma onda de umidade entre as coxas.*

— Como você é minha ruivinha cuspidora de fogo, sua palavra de segurança deve ser “dragão”. Você deve dizê-la sempre que realmente quiser que eu pare o que eu estiver fazendo. Nenhuma outra palavra, nenhuma quantidade de esforço vai fazer isso por você.

A respiração de Charlotte ficou mais ofegante quando a mão de Kingsley começou a se movimentar mais depressa e mais profundamente dentro dela. O polegar dele massageava o clitóris. Ela nunca havia estado com um homem que sabia como manipular o corpo de uma mulher tão bem.

Com seus lábios, Kingsley traçou um caminho do ouvido ao ombro de Charlotte. Ela cravou as unhas no tecido do casaco dele.

— Então, se você realmente quiser que eu pare o que eu estiver fazendo, Charlie, você vai dizer?

— Dragão.

Kingsley recolheu a *mão abruptamente e deu um passo para trás. Charlotte quase entrou em colapso a partir do choque repentino* devido ao afastamento, e seus músculos vaginais se agitaram em protesto.

— *C’est ça* — disse Kingsley. — É como mágica.

Kingsley deu um passo adiante, pegou a mão dela e beijou suas costas.

— Arrume-se — disse ele. — Vou sair para trabalhar agora. *Não há descanso para os ímpios.*

Kingsley afastou Charlotte da porta, abriu-a e entrou no salão assobiando uma canção que ela achava ser o hino nacional francês.

Charlie fechou os olhos e imaginou o fogo saindo de sua boca e queimando Kingsley. Ela deve ter sibilado de forma audível, pois Kingsley parou de assobiar por tempo suficiente para falar de novo com ela.

— Paciência, Charlie. Temos o mês inteirinho.

CHARLOTTE PASSOU o restante da tarde no quarto que Kingsley reservara a ela, um quarto quase tão luxuoso quanto o dele. A secretária dele entrou e pegou algumas informações dela: contatos de emergência, preferências alimentares, até mesmo alergias.

— Alergias? - *perguntou* Charlotte.

— Sim. Látex, por exemplo? — A secretária mal piscou ou corou ao falar.

— Ai, Deus.

Uma hora depois de vir de seu apartamento com roupas e suprimentos suficientes para um mês, Charlotte tentou dormir um pouco, mas sua mente queria passear até caminhos demasiadamente perigosos. Kingsley Edge. O primeiro e único Kingsley Edge. Ela finalmente reuniu coragem para ligar para seu irmão caçula e deixá-lo a par do que estava acontecendo.

Simon suspirou profundamente, com tanta intensidade que Charlotte quase riu em voz alta.

— Você tem certeza disso, Char? - *perguntou Simon.*

— Eu gosto dele.

— Você gosta dele porque ele é rico e infame, ou porque você realmente gosta dele?

Antes de responder, Charlotte pensou por alguns segundos na pergunta, a qual era perfeitamente válida por sinal.

— Gosto.

Depois de ganhar a bênção de Simon, ou pelo menos sua promessa de não chamar a polícia, Charlotte desligou e olhou ao redor do quarto, ainda sem acreditar que ia passar o mês seguinte ali. O que Kingsley ia fazer com ela durante a estada? Parte dela estava apavorada com a perspectiva. Outra parte, uma muito maior, mal podia esperar para descobrir.

Charlotte sobressaltou-se quando um envelope foi enfiado sob a porta. Ela o pegou e encontrou um convite escrito à mão.

Charlie: Apresente-se na porta do meu quarto esta noite, às nove

horas. Vista sua melhor roupa. Iremos assistir a um recital de piano na Sala de Música. Não se atrase. As *consequências serão tão graves quanto agradáveis se você se atrasar.*

Charlotte se corrigiu. Convite? Não, aquilo era uma intimação. E, embora ela soubesse que deveria se eriçar diante do pedido para se apresentar no horário, ou seria punida, ela quase quis se atrasar simplesmente para obrigar Kingsley a cumprir sua ameaça.

Durante uma boa hora, Charlotte ficou diante do espelho do banheiro se arrumando para o recital. Ela fez a maquiagem rapidamente e passou o restante do tempo arrumando o cabelo que batiam na cintura em ondas ruivas grossas. O vestido mais chique que tinha era preto. Esperançosamente, o efeito do cabelo iria distrair Kingsley da simplicidade do vestido.

Às nove em ponto, Charlotte parou diante da porta do quarto de Kingsley, esperando com impaciência. Ela mal conhecia o sujeito. Quanto mais tempo se passava desde a longa conversa daquela manhã, mais ela questionava sua decisão de ficar com ele durante o mês. Era uma loucura, certo? Passar um mês com um desconhecido? Ninguém em seu juízo perfeito teria aceitado a oferta. Por que ela estava fazendo isso?

Kingsley abriu a porta.

Tudo bem, ali estava o motivo.

— Uau — disse ela, quando todas as outras palavras lhe falharam.

Ele usava um terno preto com botões de prata pregados num colete bordado em prateado e preto. As botas de montaria tinham sido polidas a um brilho quase reflexivo. Se Charlotte olhasse para baixo, teria visto o próprio rosto de olhos arregalados.

— Aprovado? — perguntou Kingsley, um leve sorriso no canto dos lábios sensuais.

Charlotte assentiu lentamente.

— Hum, sim. Você está... caramba!

— E você, *ma chérie,* está encantadora. — Kingsley beijou as costas da mão dela. — Muito elegante. — Erguendo a mão dela acima da cabeça, ele a rodopiou num círculo lento. — *Parfait,* Charlie.

— *Merci* — disse ela, e fez uma reverência. — O vestido não é grande coisa. Mas é a única coisa mais ou menos formal que eu tenho.

Kingsley a tomou pelo braço e eles começaram a descer o corredor.

— Ele vai ficar adorável no chão, perto da minha cama.

Charlotte corou e riu.

— Existe alguma razão específica para você se vestir como se estivéssemos no século XIX, e não no XXI?

— Há apenas uma razão que importa — disse ele, enquanto a escoltava até o andar principal da casa. — Porque eu posso.

Ainda de braço dado com ela, ele a guiou para a sala de música. Kingsley a apresentou a seus convidados. A maioria dos homens estavam sentados nas cadeiras e namoradeiras. Mas, embora houvesse espaço suficiente para todos, algumas das mulheres estavam sentadas no chão, aos pés dos homens que acompanhavam. Uma mulher de quase quarenta e belíssima tomou um assento imperioso numa poltrona e estalou os dedos. Seu parceiro, um jovem de cerca de trinta anos, sentou-se aos *pés* dela. Charlotte fitou Kingsley. Ele tinha um brilho malicioso nos olhos e a observava. Ela afundou no chão e recostou-se contra o joelho dele. Ele passou a mão pelo cabelo dela, possessivamente. Agora ela sabia por que ninguém perguntara quem era ela ou como ela conhecera Kingsley. Todos os convidados eram parte da comunidadezinha de sexo pouco convencional.

Charlotte ajeitou-se e achou o piso realmente muito confortável. O carpete era grosso e exuberante, e os dedos de Kingsley em seu cabelo e pescoço eram deliciosos: sensuais, sedutores e também relaxantes. Ela poderia passar noite inteira ali.

Um homem alto e loiro entrou sob um punhado de aplausos e sentou-se ao piano. Os olhos de Charlotte se arregalaram quando ela viu que ele estava vestido como um padre. Uma mulher bonita com cabelo preto o acompanhou e sentou-se no chão, ao lado da banqueta do piano. Uma vez que os aplausos cessaram, o homem começou a tocar. Charlotte ficou sentada, encantada com o pianista incrivelmente lindo e com a mulher que descansava tão satisfeita aos *pés* dele.

Kingsley se inclinou para a frente e pôs a boca ao ouvido de Charlotte.

— Eu sei que ele é bonito para diabo, Charlie. E você está convidada a admirá-lo o quanto quiser. Mas não toque nele. Aquele — disse ele, inclinando a cabeça em direção ao padre pianista e à jovem mulher — é um casal unido pelo amor.

— Unido pelo amor? — Ela quis saber. — Um de seus arranjos?

— Ah, não. O destino uniu esses dois. Eu não tive nada a ver com isso. Quando o destino falha, aí sim eu sou chamado.

— Você deveria colocar isso nos seus cartões de visita — brincou ela.

Kingsley meteu a mão no bolso e entregou a ela um cartão preto gravado com letras prateadas. “Kingsley Edge, CEO, Edge Enterprises. *Quando o destino falhar.”,* dizia.

Quando olhou para Kingsley, Charlie cobriu a boca para evitar rir em voz alta. Ele estava sorrindo para ela. Mas não foi um sorriso normal, de alegria ou prazer, e sim um sorriso que fez a temperatura do corpo dela subir alguns graus.

Charlotte se virou e tentou deixar a música acalmá-la. Mas aquele tipo de música, apaixonado e tocado com tanta habilidade, parecia querer seduzir, tanto a ela quanto a Kingsley. E ambos estavam tendo sucesso na empreitada. Assim que o recital terminou, Charlotte estava tão desesperada por Kingsley que fingiu tropeçar quando se levantou só para poder apoiar todo seu peso contra ele. Ele a puxou para si e ela inalou o perfume dele. Ele tinha um cheiro cálido e masculino, e todos os nervos dela chegaram ao limite devido à proximidade entre os corpos. Quando ele se despediu de seus convidados brevemente e a acompanhou de volta para cima, Charlotte estava quase tremendo de ansiedade. Eles pararam à porta do quarto dela.

— Então ele é um padre de verdade? — perguntou ela. — O pianista?

— Eu disse que eu tinha um padre na minha lista de discagem rápida. Você realmente deveria aprender a confiar em mim.

— Estou tentando. Isso tudo é novidade.

Kingsley colocou a mão no pescoço dela e encostou o dedo naquele vão oco da garganta.

— Eu não vou machucá-la, Charlie. Ou, pelo menos, não vou lhe causar nenhum dano — disse ele com um sorriso maroto. — Você acredita nisso? Nós não vamos muito longe até que você saiba que, o momento em que sentir o máximo de medo de mim vai ser o momento em que você terá menos motivos para senti-lo.

— Tudo bem, vou tentar não ter medo.

— Você pode temer o quanto quiser. Só não deixe que o medo a detenha.

Charlotte inspirou fundo. Por alguma razão, ela confiava nele.

— Boa menina — disse ele, e pegou a mão dela, a qual beijou demoradamente e então soltou. — Boa noite, Charlie.

Ela ficou olhando enquanto ele ia embora em direção ao próprio quarto.

Atordoada por ter sido abandonada, Charlotte entrou em seu quarto com pés de chumbo. Magoada e envergonhada, ela cogitou juntar suas coisas e sair daquele hospício. Kingsley havia passado a noite inteirinha seduzindo-a com cada olhar, cada toque e cada sorriso. E agora ele simplesmente ia para a cama, deixando-a sozinha em seu quarto.

Ela respirou fundo e lembrou-se das palavras dele: *você realmente deveria aprender a confiar em mim.* Talvez aquilo fosse um teste. Talvez ele estivesse vendo se ela iria ficar chateada e tentar ir embora.

Charlotte tirou os sapatos e se deleitou com o som deles estalando de forma oca pelas paredes. Ela iria conceder mais um dia àquele lugar esquisito. No entanto, não conseguia ignorar totalmente a decepção e a frustração. Kingsley sabia que ela estava mais do que pronta e disposta a ir para a cama com ele. Talvez ele gostasse de provocar. Talvez, quando ele finalmente a convidasse para o seu quarto, Charlotte simplesmente lhe desse um beijo na mão e caísse fora, do mesmo jeito como ele tinha feito com ela.

No banheiro, ela escovou os dentes e se olhou no espelho. Kingsley tinha dito que ela era linda, mas ela nunca achara isso realmente. Bonitinha talvez, mas não linda. Só que, essa noite, com o cabelo fluindo feito vinho tinto pelas costas, ela sabia que nunca havia estado mais bela. Mas isso não tinha sido bom o suficiente para ele. Irritada, ela caminhou de volta para o quarto.

Charlotte congelou quando sentiu algo atrás de si. De repente, ela não conseguia mais se mexer por causa dos braços incrivelmente fortes que a agarraram depressa e com força, da mão grande lhe cobrindo a boca. Ela usou de toda a sua força para se soltar, mas, quanto mais lutava, mais forte ele a segurava.

— Shhh. — A boca de Kingsley estava junto ao ouvido dela outra vez. — Sou eu.

Saber que era Kingsley não fez nada para acalmar os temores dela. Charlotte tentou se afastar de novo, mas ele ainda a segurava com firmeza contra o corpo. Ela gritou contra a mão dele. O som mal saiu.

— Charlie, eu sei que você está com medo agora. Você tem permissão para sentir medo. Eu quero que você tenha medo. — A voz dele era baixa e íntima. Ela o empurrava na esperança de desequilibrá-lo e fugir. Mas ele era muito alto, muito forte. Ela virou a cabeça, tentando gritar, mas a mão dele era como um torno mecânico em sua boca. — Nesse estilo de vida, todos nós temos uma palavra de segurança. É a palavra que você diz quando quer que o jogo acabe. Sua palavra de segurança é “dragão”, já que você é minha ruiva cuspidora de fogo. E no segundo em que eu tirar minha mão você pode dizer “dragão”, e eu vou deixar você ir. Ou você pode optar por não temer seu medo. Sexo sem graça é uma questão de confiança. Já o estupro é uma questão de medo. Nós estamos naquele lugar entre o medo e a confiança. Confie em mim, Charlie. Não pense que o medo significa que você precisa parar.

Charlotte fechou os olhos. Ela contorceu-se para o lado, mas ainda não conseguia se livrar dele.

— Vou tirar minha mão da sua boca agora. Diga a sua palavra de segurança se necessário. Mas, antes de dizer, pergunte-se como você se sentiu quando me afastei de você esta noite. Pergunte a si mesma como você vai se sentir amanhã, se você se afastar de mim agora.

Charlotte ofegava contra a mão dele, então ele a afastou levemente. Ela começou a falar e depois engoliu suas palavras.

Ouviu o riso presunçoso de Kingsley junto à sua orelha.

— Tenho bom gosto para mulheres, não tenho?

Charlie abriu a boca para discutir, mas Kingsley a empurrou com força sobre a cama. Ele pegou os braços dela e os prendeu atrás das costas. Com uma das mãos ele segurava os pulsos dela, e a outra ele enfiava debaixo do vestido. Ele correu a mão até a parte de trás das coxas dela e deslizou sobre os quadris e para dentro da calcinha.

— Seu clitóris está inchado e você está encharcada — disse ele, enquanto a examinava. Ela cerrou a mandíbula, porém sentia-se humilhada demais para dizer qualquer coisa. Os dedos de Kingsley roçavam por todo o corpo dela. Charlotte se encolheu quando ele rasgou sua calcinha frágil num movimento rápido. Agora nua por baixo do vestido, não havia nada entre ele e ela. Kingsley usou os joelhos para abrir mais as pernas dela. Daí a mão voltou à intimidade e Charlotte gemeu quando ele deslizou um dedo ali para dentro.

— Desde o momento em que vi você cuspindo fogo na minha boate na noite passada — sussurrou Kingsley, quando um dedo se tornou dois, e dois dedos se transformaram em três dentro dela —, eu soube que precisava ter você, sentir o fogo dentro de você.

Ele tirou a mão de dentro dela com brusquidão, e Charlotte ficou assustada e ofegante sobre os lençóis.

— Não se mexa — pediu ele. Fechando os olhos, ela cravou as mãos nos lençóis e tentou respirar para enfrentar seus medos.

— É adrenalina — disse Kingsley enquanto abria uma gaveta e tirava algo, algo com som metálico. Ela arquejou quando ele segurou seus pulsos novamente e voltou a coloca-los atrás das costas. — O que você está sentindo agora, isso não é medo. Você não está com medo de mim. Você simplesmente nunca esteve tão excitada.

— Deus, como você é arrogante — resmungou Charlotte, quando Kingsley fechou as algemas de metal frio em cada um dos pulsos dela.

— Eu não sou arrogante. Eu sou francês. — Kingsley a obrigou a abrir as pernas novamente enquanto Charlotte tentava relaxar por causa das algemas. O metal frio e pesado machucava a pele dela. Ela sentia-se impotente e desanimada. Uma palavra poderia tirá-la disso. Tudo que precisava fazer era dizê-la, e assim Kingsley a deixaria ir embora. Mas ela não conseguia dizer. Mesmo assustada e humilhada, ela não podia negar que o desejava, que desejava aquilo tanto ao ponto de apavorá-la mais do que as algemas e o homem que havia tomado posse de seu corpo. — Agora, Charlie, eu vou colocar meu membro em você em dois segundos. Se tiver qualquer objeção quanto a isso, seria uma boa hora para apresentá-la.

Charlotte não disse nada quando as lágrimas quentes de vergonha brotaram de seus olhos.

— Foi o que pensei — disse ele, e a penetrou.

Ele era tão grande que a entrada quase foi dolorosa. Charlotte se retesava contra as algemas e apertava o rosto na cama enquanto Kingsley a penetrava com investidas tanto rígidas quanto lentas. Passando a mão ao redor dos quadris dela, ele encontrou o clitóris novamente. Com um toque hábil, brincou até Charlotte gritar. Quando o orgasmo dela atingiu o pico e diminuiu, Kingsley a virou de costas com aspereza e a forçou a abrir as pernas outra vez.

Então ele puxou o vestido dela para baixo e desnudou seus seios. A

boca pousou no pescoço dela. Ele choveu beijos violentos no peito e ombros, com tanta força que ela soube que no dia seguinte estaria cheia de hematomas por causa daquela boca. Ele tomou os seios nas mãos e os segurou enquanto a penetrava novamente. Charlotte abriu mais as pernas e o recebeu o mais fundo que conseguiu.

Debruçado em cima dela, Kingsley a encarou, olhos nos olhos.

— Você ergueu os quadris. Gosta de penetração funda, não é? — Charlotte virou a cabeça e olhou para a parede. Mas Kingsley agarrou o rosto dela e a obrigou a olhar para ele. — Responda-me.

— Sim — disse ela. — Eu gosto bem fundo.

— Então, é para já. — Kingsley agarrou os joelhos dela e os colocou em seus ombros. Charlotte se arqueou; cada estocada parecia golpear o fundo de seu estômago.

Charlotte ofegava enquanto Kingsley continuava seu ataque. Ela odiava a delícia que era ser possuída daquele jeito, se odiava por gostar tanto de brutalidade. Ele manipulava o corpo dela como se fosse seu dono, a tocava como se seu corpo fosse um livro aberto, o qual Kingsley já tinha lido e decorado. Virando a cabeça, Charlotte escondeu o rosto no braço. Quando Kingsley apertou o clitóris entre o polegar e o indicador, ela gozou com tanta força que lágrimas rolaram pelos cantos dos olhos.

Kingsley retirou as pernas dela de seus ombros e cobriu o corpo delicado com o dele. Instintivamente, Charlotte enrolou as pernas em volta da cintura dele, ao mesmo tempo que ele continuava a penetrá-la. Ele mordeu o pescoço dela, a clavícula, beijou o vão oco da garganta, tudo enquanto ainda se movimentava dentro dela.

— Você gosta disso — comentou ele.

— Sim — sussurrou ela, ao mesmo tempo que se encolheu diante de uma investida particularmente forte.

— Charlie, me chame de “senhor” quando eu estiver dentro de você.

— Sim, senhor — arquejou ela, desejando tanto beijá-lo quando estapeá-lo no segundo em que suas mãos ganhassem a liberdade.

Charlotte continuou esperando que Kingsley acabasse com ela. Mas o prazer que ele infligia parecia não ter fim. Ele a penetrou sem parar até Charlotte sentir seus músculos internos se contraírem. Erguendo os quadris, ela o recebeu bem fundo outra vez. Daí fechou os olhos quando mais um orgasmo rasgou seu corpo. Finalmente os movimentos de

Kingsley ficaram mais fortes e mais velozes. Ele cravou os dedos na nuca de Charlotte e a manteve imóvel, obrigando-a a encará-lo. Com um último impulso brutal, ele gozou de olhos abertos e sustentou o olhar dela.

Ainda dentro dela, ele esticou as pernas sobre a cama. O corpo de Charlotte continuava a latejar em torno do membro dele, ao mesmo tempo que pulsava dentro dela. Kingsley baixou a cabeça e, pela primeira vez desde o encontro, a beijou na boca.

Charlie abriu a boca para a dele e a língua de Kingsley adentrou. O beijo — suave e delicado — foi o oposto do sexo. Ela queria que ele permanecesse em sua boca e em seu corpo durante a noite inteira. Kingsley recuou um pouco e sorriu para ela.

— Demorou bastante para me beijar, senhor — disse ela, lembrando-se dos pedidos, lembrando-se de que ele ainda estava dentro dela.

— Você é uma cuspidora de fogo, Charlie. Não pode me culpar por ser cauteloso em relação a sua boca.

Ela riu um pouco, mas fez uma careta quando ele se afastou de seu corpo dolorido. Ela estava deitada de costas, deixando seu coração desacelerar os batimentos frenéticos enquanto Kingsley desaparecia no banheiro. Ela se perguntava como estaria sua aparência. Kingsley não a havia estuprado, mas ela provavelmente parecia alguém que tinha sofrido tal violência. O vestido estava rasgado e ainda amarfanhado na região da barriga. E ela poderia dizer que já estava coberta de hematomas por causa das mãos e da boca de Kingsley. Mesmo por dentro, sentia-se contundida devido aos golpes impiedosos.

Kingsley reapareceu e ficou ao lado da cama. Estava impecável em seu terno. Tinha permanecido completamente vestido enquanto a possuíra. Somente os pés estavam nus; e ele havia tirado o casaco. Ele enfiou a mão no bolso e tirou a chave das algemas, libertando Charlotte. Ela ergueu-se e tentou ajeitar o vestido.

— O quê? — perguntou, enquanto Kingsley a observava.

— Você está linda.

— Pareço uma vítima de estupro. — Ela enxugou os olhos e uma mancha de delineador borrou seus dedos.

— Você parece uma mulher que foi violada e que adorou isso.

— Você me assustou para cacete me agarrando daquele jeito.

Kingsley sentou-se na cama, ao lado dela.

— Você gosta de sentir medo.

Charlie não respondeu. Kingsley a segurou pelo queixo novamente, dessa vez com cuidado. Acariciou-lhe o lábio inferior com o polegar.

— Você gosta de sentir medo — repetiu ele. — Não precisa temer seu medo, Charlie. Você está autorizada a sentir medo e a gostar disso.

— Não é esperado que pessoas normais gostem desse tipo de coisa. Que gostem de ser jogadas na cama, amarradas e praticamente estupradas.

— Minha linda Charlie. — Kingsley a beijou lentamente. — Talvez seja hora de admitir que você não é uma pessoa normal.

Charlotte acordou cedo na manhã seguinte. Vestiu o roupão preto e encontrou a porta do quarto entreaberta, mas Kingsley não parecia estar em casa.

Depois de tomar o café da manhã na cozinha opulenta, ela vagou de volta para cima para tomar banho e se vestir. Quando saiu do chuveiro, encontrou Kingsley ali à espera, com uma toalha.

— Você está tentando me matar — disse ela, enquanto pegava a toalha das mãos dele. — Ao menos dê um alerta, por favor, já que vai me vigiar no chuveiro.

— Você deve aprender a ficar alerta. Venha cá, Charlie. Vamos contabilizar os danos, está bem? Charlotte saiu do chuveiro. Kingsley se pôs na frente dela e a desenrolou da toalha. Muito embora eles tivessem feito o sexo mais intenso da vida dela na noite anterior, ele não a vira completamente nua. Ficar ali na frente dele era constrangedor e esquisito. Ele, é claro, parecia levemente excitado e entretido como sempre.

— O quão ruim está?

— Está terrível. Eu mal deixei marcas em você. Nós vamos ter de corrigir isso.

— Do que você chama isto aqui?

Ela apontou para os hematomas em seu peito e ombros.

— Só umas mordiscadas. — Kingsley mordeu o pescoço molhado dela.

— Isso não é justo, sabe. — Ela escondeu os seios nus com os braços. — Eu nem vi você nu ainda.

— As mulheres tendem a se apaixonar por mim quando eu tiro a

roupa.

— Você é um narcisista. Qual é, só uma espiadinha?

Kingsley arqueou uma sobrancelha para ela.

— Muito bem. Se você insiste.

Ele saiu do banheiro. Agarrando a toalha, Charlotte o seguiu até o quarto.

Ela estava parada bem no meio do quarto quando ele começou a se despir. O visual de hoje era mais eduardiano do que vitoriano. O casaco tinha cinco botões e Charlie observava com grande expectativa enquanto Kingsley abria todos eles bruscamente. Jogando o casaco de lado, ele desfez o nó da gravata e arrancou a barra da camisa branca do cós da calça. Ela engasgou quando ele jogou a camisa de lado e ficou ali, de peito nu.

— Ai, meu Deus. — Charlotte cobriu a boca, em choque.

— Você foi avisada.

Ela estendeu a mão e tocou o peito dele timidamente. O corpo de Kingsley era o que ela havia imaginado: esbelto, definido e bronzeado. Mas ela nunca tinha imaginado algo como aquilo.

— Como foi? — Ela fitou os olhos dele.

— Eu estava na Legião Estrangeira francesa, tinha meus vinte e poucos anos. Ferimentos de bala.

— Você levou um tiro?

— Quatro tiros. Felizmente todos de pequeno calibre e erraram meus órgãos vitais. Especialmente meu órgão vital favorito.

— Graças a Deus. — Charlotte tentou rir, mas não era fácil encarar aqueles quatro buraquinhos que crivavam o estômago e o peito de Kingsley. — Foi numa batalha?

— Dois são de batalha. Os outros dois são fogo amigo.

— Fogo amigo?

Kingsley sorriu para ela.

— Não terrivelmente amigável, na verdade. Meu imediato me flagrou com a esposa dele.

Agora Charlotte ria.

— Então você mereceu.

— Dificilmente. A pobre mulher estava implorando para ser amarrada e profanada. Literalmente... ela me implorou.

— Você sempre foi assim tão mau? — perguntou ela, enquanto

corria a mão pelo peito nu dele.

— *Au contraire.* Eu sempre fui bom assim.

Kingsley a segurou pelos pulsos e a levou para a cama. Daí abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e pegou um pedaço de corda.

— Algum homem já lhe bateu, Charlie? — perguntou Kingsley, assim que arrancou a toalha dela e a jogou de lado.

— Não. Meu pai berrava comigo, mas ele nunca me bateu.

— E seus namorados? Nunca lhe deram uns tapinhas?

Ela balançou a cabeça quando seu coração começou a acelerar. Ele ia mesmo bater nela?

— Seus amantes foram sem graça — disse Kingsley. — Isso é uma tragédia. Você ao menos gostava de transar com eles?

Ela deu de ombros.

— Eles eram legais. Eu tive orgasmos. Não era horrível. Era só...

— Chato? Insatisfatório? Classe média burguesa?

— Todas as alternativas, acho. Simon já disse que sempre fui louca por dispensar tantos caras legais. Ele dizia que ia ficar com eles caso eu não os quisesse.

Kingsley segurou os pulsos de Charlotte e aos amarrou à cabeceira da cama. A água remanescente do banho escorria pelas costas, pernas, até os tornozelos dela. As gotas de água causavam coceira e cócegas, mas ela não tinha como secá-las.

— Você teria sido maluca se tivesse ficado com homens que não a compreendem. Compromisso é uma coisa. Negar seu verdadeiro eu é outra. Agora. — Ele postou-se atrás dela. — Vou fazer alguma coisa por você que não é nem chata nem burguesa. Vou lhe dar tapinhas por cinco minutos. E, se você aguentar durante esses cinco minutos sem dizer sua palavra de segurança, aí vou lhe dar um orgasmo. E depois vou açoitar você durante oito minutos. E então aí vou lhe dar mais um orgasmo. E assim por diante. Vou acrescentar três minutos depois de cada seção de tapinhas. E o jogo só termina quando você pedir.

— E se eu não disser a palavra de segurança?

— Então nós vamos ficar aqui por muito tempo — sussurrou ele ao ouvido dela. — Porque não tem nada nesse mundo que eu goste mais do que dar tapinhas numa mulher bonita e depois levá-la ao clímax. Agora, onde foi que coloquei o gato?

— Gato? Você tem um gato?

— Gato de nove caudas, Charlie. É um tipo de chicote. Agora seja uma boa menina e fique quietinha enquanto eu acho algumas coisas.

Charlotte estava bastante certa de Kingsley sabia exatamente onde estava tudo. Ele só queria mantê-la amarrada nua, à espera e desejosa, deixando que a expectativa fizesse seu papel para assustá-la. Ela ouviu algo sendo aberto, parecia um baú, e em seguida sentiu Kingsley às suas costas outra vez. Algo pousou na cama. Era de couro marrom, com um cabo de 15 centímetros e nove tiras de couro. Não parecia aterrorizante. Mas não parecia divertido também. Algo mais pousou na cama: um tubo de lubrificante. Mais um baque: um vibrador de aparência bastante impressionante. Charlie piscou quando Kingsley fez um floreio e acenou com um cronômetro diante do rosto dela.

— Cinco minutos. — Ele acertou o alarme. — Pronta?

— Sim, senhor.

— Você está tentando me convencer a transar com você ao me chamar de “senhor”, não é? Vai funcionar. Mas não ainda.

Antes que Charlie pudesse dizer qualquer outra coisa, o chicote já estava fora da cama e Kingsley lhe dava o primeiro golpe nas costas. Ela encolheu com a queimação súbita. Era surpreendentemente afiado, mas não insuportável. Ela respirava pelo nariz em rajadas curtas desesperadas. Estava determinada a não dizer sua palavra de segurança. Não porque desejasse demais o orgasmo. Ela só queria provar a Kingsley que não era uma pessoa entediante.

Quando ela ouviu o repicar do alarme do cronômetro, desabou de alívio. Kingsley pressionou o peito nu nas costas dela, as quais ardiam. O chicote foi colocado na cama novamente.

— Gostou, Charlie?

— Não — disse ela, ainda ofegante.

— Ótimo. Eu odeio bater em masoquistas. Eles acabam com toda a diversão nessa coisa de curtir a dor.

— Estou permitindo que você faça isso comigo — disse ela, entre as respirações. — Eu não sou masoquista?

— Ah, não, Charlie. Você não é masoquista. Você é uma vadia.

— Eu não sou.

Ele a silenciou antes que Charlie pudesse concluir seu protesto raivoso.

— Charlie, nesta casa a palavra *vadia* é o maior elogio que posso

lhe oferecer. Significa que você é dona da sua sexualidade e não tem medo de experimentar e abrir a mente e o corpo para experiências. Eu também sou um vadio.

— Percebi.

— Agora que você já ganhou sua dorzinha, imagino que vá querer seu prazer.

Kingsley estendeu a mão para o lubrificante e abriu o tubo. Ele deslizou a mão por entre as pernas de Charlie. Ela estremeceu com o toque frio e úmido, mas se deleitou no prazer que os dedos hábeis estavam lhe proporcionando.

— Eu sei que fui um pouco rude com você na noite passada. Mas sei ser piedoso.

Ele pegou o vibrador e ligou. Daí abriu as pernas de Charlotte e deslizou lentamente para dentro dela. Ela inspirou assim que ele adentrou bem fundo. O corpo dela foi se estirando lentamente para recebê-lo.

— Isso é ser piedoso? — perguntou ela.

— Não é tão grande quanto eu sou.

Ele começou a movimentar o vibrador, entrando e saindo devagar enquanto seus dedos encontravam o clitóris dela e brincavam com ele. O vibrador fez seu trabalho rapidamente. Ela gritou assim que seu corpo se contraiu em torno do vibrador e de encontro à mão de Kingsley. Ele então retirou o vibrador de dentro dela e o pousou na cama outra vez.

— Você vai ganhar mais um daqui a oito minutos — sussurrou ele ao ouvido dela. Ele ativou o alarme do cronómetro mais uma vez. O corpo de Charlie ainda estava se contorcendo de prazer quando o chicote lhe atingiu as costas doloridas. Ela se concentrou no prazer minguante e tentou ignorar a dor crescente.

Então descobriu que se oferecesse as costas em vez de contrair os músculos a agonia era mais insípida, menos aguda. Ela pendeu a cabeça para trás. Olhou para o teto. Depois de alguns minutos, quase não sentia mais nada.

Um som de carrilhão a arrancou do transe.

Kingsley pegou o vibrador mais uma vez e pressionou a ponta contra o clitóris. Ela engasgou com o choque de prazer. Nunca tinha estado com um homem que entendia como estimular o corpo de uma mulher tão bem. A pressão sobre o clitóris era perfeita. Os dedos dentro

dela encontravam todos os pontos sensíveis. Ele parecia muito mais preocupado com os orgasmos dela do que com os próprios. Ela não conseguia acreditar no que estava pensando. Estava amarrada a uma cabeceira de cama para uma flagelação e só conseguia pensar no quanto Kingsley a fazia sentir-se bem.

O orgasmo de Charlotte cravou em seu estômago e ela quase deslocou o ombro, de tão forte que foi o tranco de seu corpo.

— Se você conseguir aguentar onze minutos de surra, aí farei amor com você de novo — sussurrou Kingsley ao ouvido dela. — O que acha disso?

— Muito bom.

Kingsley deu um tapa forte na coxa direita dela.

— Quero dizer, muito bom, senhor.

A esta altura Charlotte sabia como lidar com a coisa toda. Ela fechou os olhos e deixou a dor fluir e ir embora. Em sua mente, ela estava em outro lugar. Em sua mente, estava desamarrada e deitada de costas, com Kingsley sobre seu corpo e enterrado profundamente dentro dela, e, antes que se desse conta, ela ouviu o sinal sonoro do alarme do cronômetro novamente.

— Graças a Deus — disse. Mais um minuto e ela teria cedido.

— De nada.

Kingsley jogou o chicote na cama. De pé atrás dela, ele correu as mãos pela frente do corpo de Charlie, subindo e descendo. Parou nos seios. Brincou com os mamilos até ficarem duros e doloridos. Beijou o pescoço e o ombro dela.

— Seja sincera, Charlie. Você já foi possuída aqui? — Ele passou a mão pelo bumbum dela.

— Você quer dizer, anal? — perguntou ela. — Uma vez.

— Gostou?

— Ainda não sei.

— Isso é porque você nunca fez comigo. Vamos corrigir isso, vamos?

Charlotte não tinha certeza se queria aquilo, mas sabia que não queria detê-lo tampouco. Seu coração acelerou de medo. Mas daí se lembrou do conselho de Kingsley e não permitiu que o medo a impedisse.

Ele pegou o lubrificante mais uma vez e aplicou nela. Ela suspirou

diante da satisfação ao sentir o líquido frio e úmido entrando. Kingsley se demorou preparando o corpo dela. Ela tentou relaxar. Grande como ele era, ela precisaria estar muito relaxada para recebê-lo.

Kingsley se aproximou. Charlotte fechou os olhos quando sentiu o membro dele começando a pressionar para entrar. Ele agarrou a coxa dela e a ergueu. Charlie pousou o joelho em cima da cama. Lentamente, ele foi adentrando, centímetro por centímetro. Na noite anterior ele havia sido escandalosamente brutal com ela. Agora era todo cuidados. Ela estremeceu ao perceber como era estranhamente bom senti-lo dentro de si daquele jeito. Kingsley entrava e saía com estocadas delicadas, prudentes.

De olhos ainda fechados, Charlie não percebeu que Kingsley tinha pegado o vibrador outra vez. Mas, quando ele começou a empurrá-lo para dentro dela, ela abriu os olhos em estado de choque.

— Respire, Charlie. Você consegue aguentar os dois.

Ele empurrou o vibrador inteirinho enquanto continuava suas estocadas lentas por trás.

— Você nunca foi penetrada no ânus e na vagina ao mesmo tempo? — perguntou Kingsley.

— Não, nunca.

— Minha pobre menina. Você era praticamente virgem. — Ela ouviu a risadinha presunçosa dele junto ao seu ouvido.

Ele continuou a penetrá-la. Charlotte movimentava os quadris no mesmo ritmo de Kingsley. Ela gozou rapidamente ao redor do vibrador. As sensações foram tão intensas que chegaram a ser quase dolorosas. Depois do segundo orgasmo, ele finalmente tirou o vibrador.

Kingsley a agarrou pelos quadris e penetrou mais depressa. Charlie estava quase maluca devido aos dois orgasmos intensos que ele lhe proporcionara. Ela simplesmente se vira alheia a todas as suas obrigações enquanto ele transava com ela.

Ela estremeceu quando os dedos dele a apertaram. Ele investiu com força dentro dela e gozou, arfante.

Ele retirou-se lentamente. Um minuto depois, voltou para a cama. Charlie o notou pegando o chicote.

— Dragão — disse ela, e ele largou o objeto.

Kingsley estendeu a mão e a desamarrou, e Charlie desabou nos braços dele. Ele a acolheu e a deitou. Ajoelhando-se no chão ao lado da

cama, ele passou a mão pelo cabelo ainda molhado dela.

— Dor demais, *ma chérie?* — Ele não parecia nada chateado por ela tê-lo detido.

— Não. — Ela balançou a cabeça e ofereceu um sorriso cansado. Os músculos dentro dela ainda vibravam. — Prazer demais.

AS SEMANAS seguintes no Chez Kingsley — era assim que ele intitulava sua casa — passaram numa névoa de sexo, dor e mais sexo. Kingsley era uma fonte praticamente ilimitada de experiência e conhecimento sexual alternativo. Ele apresentava Charlie a algo novo todos os dias. Num dia foram grampos de mamilo. No seguinte, as palmadas. Ele a ensinou a implorar por seu pênis. A ensinou a rastejar para ele. Um dia ele vestiu calças de couro e a açoitou. No outro, ele a vestiu numa lingerie, a amarrou a sua cama com lenços de seda e violou cada orifício. No fim de semana anterior ele até mesmo chegara a filmar os dois fazendo sexo e a obrigara a assistir. Depois ele dera a ela a única cópia do vídeo para deixá-la a decidir o que fazer com ele. Seu primeiro instinto foi o de destruí-la.

Mas ela não o fez.

E todos os dias, quando Charlotte menos desconfiava, quando tinha certeza de que Kingsley estava fora de casa ou numa reunião, ele aparecia de surpresa, a agarrava e a jogava contra a parede, ou no chão, ou na cama e a possuía brutalmente. Não importava quantas vezes ele fizesse isso, Charlotte sempre ficava apavorada. Não importava quantas vezes ele fizesse isso, ela sempre adorava.

Charlotte não sabia o que Kingsley ia fazer com ela esta noite. Ele havia pedido a ela para esperar nua no quarto dele, no imenso divã. Ela recostou-se no tecido de pelúcia e fechou os olhos. A poltrona era quase do tamanho de uma namoradeira. Kingsley já a havia possuído ali algumas vezes. Os braços do divã eram o lugar perfeito para apoiar as pernas sempre que ele a penetrava. Charlie só tinha mais uma semana ali com Kingsley antes de conhecer o cliente para o qual ela vinha sendo treinada. Ela não achava que seria capaz de entrar numa relação com o tal sujeito, independentemente do quão rico e “atraente” ele fosse. Ainda assim. ela também não conseguia se imaginar abandonando aquele lugar e retornando totalmente à sua antiga vida. Kingsley a havia marcado, e não apenas com hematomas pelo corpo.

Ela sentia falta de seu emprego, no entanto, e ficaria feliz em

retornar para ele. Havia cortado os cabelos de todo mundo na casa de Kingsley, exceto do próprio Kingsley. Ele dissera a ela que ninguém, exceto seu barbeiro na França, estava autorizado a se aproximar de seu cabelo. Ela o chamou de covarde e ele a puniu de maneira bem devassa por causa do insulto.

— Você está com um belo sorriso, Charlie. Eu adoraria saber se fui eu a colocá-lo aí.

Abrindo os olhos, ela encontrou Kingsley pairando bem perto.

— Eu estava pensando no que eu faria com seu cabelo se você me deixasse cortá-lo. Esse estilo bagunçado é muito arrojado, mas eu poderia deixá-lo ainda melhor.

— Aproxime-se de mim com sua tesoura e vou me certificar para que você acorde com significativamente menos cabelo de manhã.

Charlotte riu. Kingsley a havia depilado no banho na noite anterior. Se ele não teve quaisquer pudores a respeito da remoção dos pelos em suas partes íntimas, ela sabia que ele não hesitaria em lhe cortar qualquer outra pelugem fora.

— Bem. Vou deixar o cabelo em paz. Mas você continua me dizendo que eu preciso confiar em você. Quando é que você vai começar a confiar em mim um pouquinho?

— Eu confio bastante em você. Mas não em relação ao meu cabelo. Mas fiquei feliz por você mencionar a questão da confiança.

Ele exibiu uma echarpe preta.

— Olhos vendados? — adivinhou ela.

— *Très bien, ma chérie.*

Tudo que Kingsley tinha feito para ela até então havia sido feito com os olhos abertos. A venda a deixava tensa; e, pelo sorriso de Kingsley, ele estava gostando de saber disso.

Ele amarrou a echarpe ao redor dos olhos de Charlotte e o quarto ficou completamente escuro.

Ela sobressaltou-se quando Kingsley agarrou seus tornozelos e abriu suas pernas, colocando-as sobre os braços do divã. Ela o ouviu puxando o pufe para mais perto. Charlie sabia que ele estava sentado diante de seu corpo exposto. Um mês atrás, ela teria ficado apavorada e constrangida. Ainda estava um pouco apavorada, mas Kingsley a havia ensinado a ser sem-vergonha. Ela estava curtindo ser sem-vergonha. E ainda não tinha nem saído para beber ou para ir a boates desde que

conhecera Kingsley. Ele era a única decadência da qual ela precisava.

— Vamos fazer um jogo de adivinhação, Charlie. Se você adivinhar as cinco charadas, vai poder fazer o que quiser comigo quando a brincadeira terminar.

— Qualquer coisa?

— Qualquer coisa que não seja ilegal. Ou pelo menos qualquer coisa que a gente não possa ser flagrado fazendo.

— O que vou ter de adivinhar?

— Você vai ter de adivinhar os objetos com os quais vou penetrar você.

Todos os pensamentos orgulhosos antivergonha saíram pela janela.

— Você vai enfiar coisas em mim e eu vou ter de adivinhar o que são?

— Acho que foi isso que acabei de dizer. Preparada?

— Não — disse ela, mas não falou a palavra de segurança. Ela havia aprendido rapidamente com Kingsley que "não" não significava coisa alguma para ele, apenas "não". Enquanto não dissesse "dragão", ela estaria na brincadeira.

Charlotte sentiu os dedos de Kingsley abrindo-a. E então algo ligeiramente plano a penetrou lentamente. O objeto tinha uma base arredondada que ia se estreitando. Charlie tentou imaginar o que era. Sentiu cócegas nos grandes lábios. Algo suave como cerdas.

— Jesus, Kingsley. Esta é a minha melhor escova de cabelo. Você faz ideia de como essas coisas são caras?

— Muito bom, *ma chérie* — disse ele, retirando a escova. — Sendo a escova de boa qualidade que é, certamente é lavável. Este foi o primeiro de cinco. Próximo — falou ele.

O objeto seguinte era frio, macio e ia se alargando conforme se aproximava do topo. Ela se lembrou do jantar com Kingsley na noite anterior. Tinha sido uma festa com vários amigos dele, todos hilariantemente pervertidos. Ele a deixara beber uma taça de vinho. No meio do jantar, ele a flagrou olhando para ele. Piscando para ela, ele esvaziou o resto do vinho na taça e ergueu a garrafa num brinde a ela.

— É a garrafa de vinho.

— Você tem uma vagina muito inteligente, Charlie. — Ela riu quando ele removeu a garrafa.

Ela se retesou um pouco quando sentiu os dedos dele outra vez.

Fosse o que fosse que ele estivesse colocando dentro dela, era metálico e pesado. E era grande.

Tinha base plana e laterais com ranhuras.

— Pode me dar uma dica? — perguntou Charlotte.

— Você vai achar a resposta muito esclarecedora.

Ela riu.

— É uma lanterna?

— *Bien, ma chérie.* Três de cinco. — Ele retirou a lanterna de dentro dela gentilmente. — O próximo, tenho certeza de que você já sentiu.

— Provavelmente não. Nunca fiz essa brincadeira com objetos.

— Tem certeza? — Kingsley a abriu com os dedos novamente. Mais uma vez ela sentiu um metal liso e frio. Mas este objeto era diferente. Tinha duas partes. Ela ouviu algo se movendo, como um parafuso girando, e sentiu sua vagina se abrindo.

Ela respirou fundo.

— Você tem um espéculo?

— É claro. Gosto de brincar de médico. Ainda mais com uma paciente tão linda e paciente.

Ela aguardou que ele fechasse o espéculo e o retirasse. Mas Kingsley o deixou ali. Ela ouviu um clique.

— E a lanterna vai ter uma função dupla para nós.

O coração de Charlotte latejava. *Agora* ela estava envergonhada. Ela sabia que ele estava olhando profundamente dentro dela.

Kingsley correu a mão pelo ventre dela e parou nos seios. Beliscou um mamilo, e o corpo de Charlie reagiu com uma contração forte. Kingsley riu. Ela sabia que ele tinha visto a contração muscular com os próprios olhos.

— Agora são quatro de cinco. Mais um e você vence. Estou começando a ficar nervoso.

— Sou eu quem está nua, aberta e sendo violada aqui — lembrou-lhe ela.

— Sim, é verdade. Por isso estou esperando uma vingança bastante horrível da sua parte. — Ele não tinha soado nem um pouco preocupado com a perspectiva.

Ele fechou o espéculo e o removeu delicadamente.

— O último. Se você não acertar este, vou ficar muito decepcionado com você, Charlie.

— Faça o seu pior.

— Acho que farei.

Ela estremeceu quando algo macio roçou o interior de suas coxas. Daí sentiu a umidade quente outra vez. Ah, sim, ela sabia o que era.

— Sua língua — adivinhou, sabendo que estava certa. Kingsley enfiou a língua dentro dela e a retirou mais uma vez. Daí beijou os pequenos lábios com a mesma paixão e destreza com que havia lhe beijado a boca. Sugou o clitóris, passou a língua para cima e para baixo. Pelo que pareceu uma eternidade, a boca dele a devorou. Ele enfiou dois dedos dentro dela e com a língua e a mão levou Charlie a um clímax feroz. Os músculos internos dela se agitaram e estremeceram. Ela arqueou as costas. Então investiu os quadris e os dedos de Kingsley a penetraram fundo. O orgasmo pareceu durar para sempre. Ela afundou no divã quando o clímax se foi, deixando-a cansada e ofegante. A mão de Kingsley estava na nuca de Charlie. Ele desatou a venda e ela piscou quando a luz se intrometeu. Kingsley a fitou nos lábios, um sorriso perigoso.

— Minha vez — disse ele.

Ela rolou para a frente e ficou de joelhos na frente do divã. Então desabotoou a calça de Kingsley e o tomou na boca. Para um macho tão alfa, até que Kingsley não exigia prazer oral com muita frequência. Certa vez ele dissera que, se ela estivesse de joelhos, era melhor simplesmente transar no estilo cachorrinho e proporcionar prazer a ambos. Ela não tinha como discutir contra tal lógica. Mas agora poderia dizer que ele definitivamente estava no clima. Ele se inclinou para trás, apoiando-se nas mãos, e inclinou os quadris para Charlotte. Ela fez uma pausa longa o suficiente para desabotoar a camisa dele. Passando as mãos sobre o peito musculoso e rijo, ela beijou a barriga lisa antes de tomá-lo na boca outra vez. Ele era sempre tão dominador, tão no controle de tudo, que era extremamente satisfatório ouvi-lo arfando e senti-lo vacilar diante do prazer que ela estava lhe oferecendo.

Kingsley estendeu a mão e passou os dedos no cabelo de Charlie. Daí acariciou o rosto e o pescoço dela. Charlotte sempre ficava surpresa pelo quão devasso ele era capaz de parecer num instante e o quão gentil e cuidadoso conseguia ser no minuto seguinte.

Charlotte o recebeu bem fundo na boca e sugou com vontade. Ela brincou e acariciou com a língua. Lambeu, afagou e fez tudo em seu

poder para fazê-lo gemer da mesma forma desamparada como havia feito com ela. Finalmente Kingsley respirou fundo e gozou. Depois de engolir o sêmen com mais prazer do que ela jamais iria admitir, Charlie recuou para olhar para ele. Com a camisa aberta até os ombros e o peito crivado de balas e a barriga em exposição, ele sem dúvida era o homem mais erótico que ela já havia conhecido.

Ele abotoou a calça e se levantou. Depois pegou a mão de Charlotte e a ajudou a ficar de pé. Então lhe deu um beijo intenso e demorado. Ela adorava o fato de ainda conseguir sentir o sabor salgado dele na língua.

— Você venceu o jogo, Charlie. O que será de mim?

— Você disse que eu posso fazer o que quiser com você?

— Ah, sim. Coloque-me num vestido e tire fotos. Faça-me passear nu na rua. Depile meus testículos com uma navalha. Você precisa de tempo para decidir?

— Ah, não. Eu já sei o que quero obrigar você a fazer. — Charlotte colocou os braços ao redor dos ombros de Kingsley e passou as mãos pelo cabelo longo e rebelde.

— Charlie, não. — A voz de Kingsley saiu dura como ferro.

— Se eu não posso dizer "não", você também não pode. Você nunca me disse sua palavra de segurança. E, devo lembrá-lo, você disse que eu poderia fazer qualquer coisa que eu quisesse com você. Eu quero cortar seu cabelo.

— Vou arranjar um dragão novo.

— Sem chance. Eu sou toda sua por mais uma semana e você vai cortar este cabelo. Deixe de ser covarde. Eu sou uma das melhores cabeleireiras da cidade.

Kingsley exalou e balançou a cabeça.

— Steele estava certo. Você é encrenca.

— Ele me deixa cortar o cabelo dele.

— Ele também deixa você cuspir fogo quando está bêbada. Ele não é um exemplo a ser seguido.

Charlotte olhou para Kingsley e entortou a boca numa careta de tristeza.

— *Mon Dieu,* não faça beicinho para mim. Não consigo resistir a uma mulher linda fazendo beicinho. Vou ter de lhe dar uns tapinhas e permitir que você corte meu cabelo.

— Os tapinhas ficam para mais tarde. O corte de cabelo vai ser

agora. Vamos fazer no seu banheiro.

Charlotte vestiu o roupão e correu para o seu quarto. Daí juntou todos os seus apetrechos e os levou de volta para a suíte de Kingsley. De pé no banheiro, ele parecia tão digno de pena quanto uma criança que tinha perdido seu cachorrinho.

— Chuveiro — pediu ela.

— Só se você se juntar a mim.

Charlotte suspirou e tirou o roupão outra vez. Ela provavelmente tinha passado tanto tempo nua quanto vestida na casa dele. Kingsley tirou a camisa e a calça e entrou no box imenso. O local estava tão cheio de vapor que Charlie mal conseguiu enxergá-lo quando entrou. Ela riu quando ele a agarrou e a puxou para si. Ele a beijou sob a água e a carregou. Então grudou as costas dela na parede de azulejos e a penetrou.

Ela o envolveu com os braços e pernas e investiu os quadris para os dele. Charlie adorava a força de Kingsley, adorava a facilidade com que ele a carregava e a possuía, como se ela não pesasse nada.

Ele a penetrava enquanto a água caía em cima deles. A intenção dela tinha sido pedir a ele para molhar o cabelo para simplesmente facilitar o corte. Mas, quando ela chegou ao clímax, envolvendo o membro duro, concluiu que Kingsley definitivamente era seu cliente favorito de todos os tempos.

Kingsley colocou Charlotte no chão e a virou. Daí a penetrou por trás. Apoiando o rosto na parede, ela relaxou no calor úmido enquanto ele se enterrava profundamente dentro dela e gozava novamente. Ele saiu de dentro dela e Charlie se virou.

— De joelhos.

— Charlie, sua diabinha. — Kingsley se agachou no piso. Ele não pareceu se importar com a posição. Pegando um pouco de xampu, ela lavou os cabelos dele. Ele a beijava na barriga e nos quadris enquanto ela ensaboava e enxaguava seu cabelo.

— Nada disso. Você não vai transar comigo até me fazer esquecer do que estou fazendo. Levante-se e saia — disse ela. Kingsley levantou-se e saiu do chuveiro. Charlotte o acompanhou e pegou sua toalha e seu roupão outra vez enquanto Kingsley vestia a calça sem se preocupar em secar-se. Deus, ele era ainda melhor molhado do que seco. Indo até o quarto, Charlotte encontrou uma cadeira da altura ideal. Ela a levou até o

banheiro, colocando-a bem no centro do cômodo, e apontou para o assento.

Kingsley sentou-se nela com relutância óbvia.

— Acho que prefiro voltar à *la Légion* e levar um tiro outra vez.

— Se você continuar agindo como um bebezão, eu vou atirar em você. Nunca conheci um homem tão apaixonado pelo próprio cabelo.

— Eu sou apaixonado por tudo em mim. Eu sou um pervertido muito digno de amor.

— Bem, você vai ser um pervertido muito sexy quando eu terminar com você. Agora fique quietinho.

Ela penteou o cabelo dele e fez um estudo sobre o formato. A base do corte era boa, só estava longo demais. Era evidente que Kingsley não visitava seu barbeiro francês há algum tempo. Ela resolveu cortá-lo bem curto na parte de trás e deixar a parte superior ondulada e com um visual propositadamente despenteado.

Ele recuou assim que ela sacou a tesoura.

— Bebezão — provocou Charlie novamente.

— Quanto mais você me insultar, mais você vai pagar por isso amanhã.

— Suas punições são as mais divertidas que já tive em anos. Você vai ter de encontrar uma ameaça melhor.

— Alguma sugestão?

Charlotte pensou no assunto. Deu o primeiro corte numa mecha, a qual caiu num montinho molhado no chão.

— Acho que você poderia me expulsar daqui mais cedo do que combinamos.

Ela viu o rosto de Kingsley no espelho. A máscara de pervertido brincalhão caiu temporariamente.

— Eu não vou expulsar você, Charlie. Esse foi um acordo profissional, lembra-se? Você está aqui para aprender e então conhecer meu cliente.

Ela continuou a cortar.

— Eu sei. Eu não estou reclamando. Eu tive os melhores momentos da minha vida. É só que, você sabe, vou sentir saudade.

— Eu avisei que, se você me fizesse tirar a roupa, você iria se apaixonar por mim.

— Não seja tão convencido. Eu não estou apaixonada por você. Eu

simplesmente gosto de você. Muito.

— Sabe, você pode gostar do meu cliente ainda mais do que gosta de mim.

— Ele é menos arrogante do que você?

— Um pouco.

— Então provavelmente não vou gostar mais dele.

Kingsley riu e Charlotte continuou seu trabalho em silêncio. Quando ela terminou de cortar a parte de trás, mudou-se para a frente. Ela bloqueava a visão dele no espelho enquanto cortava as laterais e o topo do belo cabelo castanho vasto. Kingsley tinha apenas um bocadinho de fios brancos e nenhum indício de calvície. Juntamente ao gene arrogância, ele também era dono de bons genes capilares. Charlotte colocou a tesoura de lado e passou as mãos pelos fios sem parar, despenteando-os aqui e acolá. Ela colocou um pouco de finalizador nas mãos e passou os dedos pelas ondas.

— Perfeito. — Charlotte se afastou. Ela observava com expectativa enquanto Kingsley se estudava no espelho.

— Meu Deus — disse ele. — Sou ainda mais bonito do que eu pensava.

Charlotte deu um tapinha no bumbum dele e ele a tomou nos braços. Era um belo corte de cabelo. Ele parecia mais jovem e ainda mais malandro. Na verdade, ele parecia muito francês. *Très* até.

— Sua vingança está completa. Você venceu o jogo e bancou a barbeira.

— Cabeleireira — corrigiu ela. — Se eu implorar, será que hoje à noite posso fazer mais uma coisa que você nunca me deixa fazer?

— Implore e vamos ver o quão generoso estarei me sentindo.

— Posso dormir com você na sua cama hoje à noite?

Kingsley suspirou e a beijou na testa.

— Charlie, ao mesmo tempo que adoro machucar você, devo admitir que não gosto de machucá-la de verdade.

— Tudo bem. Achei que podia perguntar.

— Você pode ficar comigo esta noite e todas as noites até o dia de ir embora — disse ele.

Ela sorriu abertamente.

— Sério?

— *Oui.* Agora tire a roupa e venha para a minha cama. Preciso

começar a punir você por toda a sua insubordinação.

— Sim, senhor. — Ela saiu correndo para a cama. Kingsley foi em seguida e se deitou em cima dela.

— Confesse — disse ela, enquanto Kingsley abria seu roupão e lhe dava beijos nos mamilos. — Você também gosta de mim.

— Gosto. É muito difícil encontrar um bom barbeiro por aí.

Em seu último dia no Chez Kingsley, Charlotte acordou sozinha na imensa cama vermelha do dono da casa. Ela ficou surpresa por ele ter se levantado tão cedo, considerando que ambos tinham ficado brincando e fazendo amor até tarde na noite anterior.

Cansada e solitária, Charlotte tomou banho no chuveiro de Kingsley e se vestiu. Daí voltou ao seu quarto e arrumou suas coisas. Estava com a sensação de que já estaria de volta ao próprio apartamento no dia seguinte. Ela havia prometido a Kingsley manter a mente aberta sobre o tal cliente, o qual ela iria conhecer naquela noite. Kingsley havia revelado muito pouco sobre o sujeito. Charlotte só sabia que ele era, conforme o francês informara, “atraente”, “rico” e “ávido por uma ligação mais profunda do que seus relacionamentos anteriores”. Ela não sabia o quão intimamente conseguiria se conectar ao tal cara, já que seu coração doía só de pensar em abandonar Kingsley. Mas ele a havia treinado bem. A essa altura ela estava acostumada a fazer o que Kingsley lhe ordenava. Ela iria conhecer o sujeito. Ela lhe daria uma chance. E então voltaria à sua antiga vida.

Pelo menos teria algumas lembranças muito boas.

Às 19h, Kingsley bateu à porta de Charlotte. O belo rosto também ostentava uma expressão sombria, dolorosa de ver. Eles se beijaram em silêncio e então Kingsley se afastou e sussurrou:

— Hora de ir.

Oferecendo-lhe o braço, ele a acompanhou até seu Rolls-Royce, e ela chorou no ombro dele a caminho do restaurante onde o cliente a aguardava.

O carro parou na frente do lugar marcado e estacionou. Charlotte enxugou o rosto e ofereceu um sorriso triste a Kingsley.

— Eu só estou fazendo isso por você — disse ela.

— Eu sei, *chérie.* Mas dê uma chance a ele. Acho que você é exatamente o que ele está procurando.

— Tudo bem. Vejo você em seis semanas, certo? — Charlotte

ajeitou o cabelo e o vestido.

Ele ergueu uma sobrancelha para ela.

— É a data do seu próximo corte de cabelo. — Ela lembrou a ele.

Ele sorriu.

— *Bien súr.*

Charlotte respirou fundo e entrou no restaurante. Antigo e elegante, o local cheirava a dinheiro, e ela sentia-se completamente deslocada. Forneceu seu nome ao *maítre,* que a acompanhou até uma mesa privativa num cantinho do salão. Ela não queria comer. Nem mesmo queria beber. Só queria fugir daquele lugar e se jogar diretamente nos braços de Kingsley.

Olhando melancolicamente para o chão, Charlotte viu seu rosto refletido num par de botas de montaria tão polidas que pareciam um espelho.

Ela olhou para cima e sorriu para o “cliente” misterioso de Kingsley.

— *Bonjour, monsieur.*